

REVISTA Sarau

Volume 06 . Número 18 . Janeiro/Fevereiro de 2026



Gilberto Gil

Luis Fernando Veríssimo

A poesia de Gilberto Gil e o humor
inteligente de Luis Fernando Veríssimo

ISSN: 2965-6192



POESIAS - CONTOS - CRÔNICAS - MÚSICA E ARTES VISUAIS

AUDIODESCRIÇÃO JANEIRO/FEVEREIRO DE 2026

Descrição da imagem: capa com fundo branco. No topo, em letras grandes e pretas, "REVISTA SARAU." Abaixo, em letras pequenas e na cor laranja, "Volume 06. Número 18. Janeiro/Fevereiro de 2026." Ao centro, no formato de um quadrado com fundo na cor preta, a foto grande de perfil, colorida e em destaque do escritor e jornalista Luís Fernando Veríssimo. Na parte superior, à esquerda, a foto em preto e branco, do cantor e compositor Gilberto Gil. Fernando é um homem branco; cabelos curtos, lisos e grisalhos; mantém o olhar à direita, tem óculos de grau pendurados ao pescoço e segura o microfone com a mão direita; veste um terno escuro sobre duas camisas, uma escura e a outra clara. Gil é um homem negro; cabelos curtos, crespos e grisalhos; tem olhos grandes e escuros; as mãos juntas cobrem a boca; veste camisa escura. À direita, na vertical com letras na cor laranja, "POESIAS – CONTOS – CRÔNICAS – MÚSICA E ARTES VISUAIS." Abaixo, em letras pretas, "A poesia de Gilberto Gil e o humor inteligente de Luís Fernando Veríssimo." No rodapé, à direita, "ISSN 2965-6192" e o código de barras.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.

Os autores e artistas que publicam seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:

- Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
- O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
- Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com

Instagram: @revistasarau

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>

A Revista Sarau é uma revista de Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

EXPEDIENTE

Volume 6 – número 18 – jan. / fev. de 2026

Fortaleza – CE – Brasil

Publicação Bimestral

Distribuição Gratuita: On-line

EDITORES:

Nonato Nogueira

Débora Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES

Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:

Nonato Nogueira (Editor)

Afrânio Câmara (UERN)

Luciana Bessa (UFCA)

Gerson Augusto Jr. (UECE)

Carlos Gildemar Pontes (UFCG)

Elaine Meireles (Editorial)

Ivan Melo (Revisão geral)

COLUNISTAS:

José Roberto Morais

Néia Gava

Aluísio Cavalcante Jr.

Denilson Marques

Lucirene façanha

Elaine Meireles

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles e Ivan Melo

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CAPA:

Reprodução da foto de Gilberto Gil e Luis Fernando Veríssimo

AUDIODESCRIÇÃO:

Ana Paula Marques

SUMÁRIO

- 4 - Editorial
- 6 - Gilberto Gil, o som do vento / Maria Patriolino
- 7 - "Andar com fé" sempre será preciso... / Denilson Marques dos Santos
- 8 - Procissão de Gilberto Gil / Luiza Pontes
- 9 - Gilberto Gil: a voz da Bahia e a essência da música brasileira / Élcio Cavalcante
- 11 - Divagações literárias e sonoras / Néia Gava
- 12 - Arte Visual / Sandra Fontenelle
- 13 - Luís Fernando Veríssimo: o homem e a crítica do mestre na crônica brasileira / Élcio Cavalcante
- 14 - A mentira chamada "vou responder depois" / Enrico Pierro
- 15 - Os povos originários (Contos do Reino) / Jonas Serafim
- 16 - Coletivo Escritoras Cachoeirenses
- Gil na pré-escola / Emília Nazaré
- Tempo / Virgínia Pastore
- Entre letras e acordes / Vilma Gonçalves
- 17 - A língua, um ser em constante movimento / Elaine Meireles
- 18 - O velho amigo de infância / Rita Brígido
- 19 - O Fascismo que se reinventa e se transfigura / Francisco José Mesquita Bezerra
- 20 - Uma quase ode às traças / Xico Bezerra
- 21 - Economês / José Gurgel
- 22 - Coluna Clics do sertão
- Berenice; um amor louco / José Roberto Moraes
- 23 - Arte Visual / Amauri Flor
- 24 - Divorciada / Gerlane Cavalcante
- 25 - A poesia de Sophia Jamali Soufi
- 27 - Andorinha / Gerson Augusto Jr.
- Meio-fio / Clóvis Júnior
- 28 - Gaiolas / Elcid Lemos
- Amor solidário / Manoel Fonseca
- 29 - A queda / Renato Bruno
- Com Baudelaire / Sandra Fontenelle
- 30 - Que tal um Natal especial? / Nádia Aguiar
- Toca o céu / Mariv Dorta
- 31 - O que faz o escritor para seu sustento? / Rafa Chagas
- Sobre o corpo / Nonato Nogueira
- 32 - Bendita água que não pode ser privatizada / Elias José
- 33 - Entre olhares e cachos: minha paixão silenciosa / Francisco Hélio Mota da Silva
- 34 - A dor da saudade / Jasmine Gonçalves
- Canto / Leide Freitas
- 35 - A casinha pequena do sertão / Ruth Ibiapino
- Jesus passar na rua / Ruth Ibiapino
- 36 - Quem é você? / Maria Vandi
- 37 - Arte Visual / Adilson Cabral
- 38 - A importância do planejamento na produção de dioramas / Vinícius Silvério Barreto de Souza
- 39 - Personagens deficientes visuais nas literaturas / Raimundo Filho e Renata Barcellos.
- 42 - Arte Visual / Carlos Nascimento
- 43 - O amor e a saudade: entre o real e o ficcional na poesia de Eugénio de Castro Almeida / Elizaet Jacira Barbosa
- 45 - Catedral de Fortaleza / Maria José Monte Holanda
- 46 - Halloween / Luciana do Rocio Mallon

EDITORIAL

Por Elaine Meireles
ponchetart1@gmail.com

Que venha 2026!

E é conveniente não deixar nada pendurado: nem duvidas, nem dívidas, nem interrogações, nem chateações, muito menos dissabores ou contrariedades. Que este seja um ano promissor e que a Humanidade se dispa de suas mazelas, hipocrisias, mediocridades e se revista de Sabedoria, Bondade e Solidariedade, tão cantadas no recente período natalino. Que a Esperança traga dias melhores, sem guerras, sem fome, sem assassinatos, sem corrupção, sem crimes de qualquer origem, nos ajudando a transformar “as velhas formas do viver”.

Os belos propósitos feitos, entre eles o de Harmonia e Paz, se realizem em nossos lares e entre as nações. Assim como, nossa Casa Comum seja cuidada por todos, para o bem de todos, com o empenho de cada um, em sua devida medida.

Nesse início de ano, fazemos um convite especial: vamos mexer um pouco em nosso baú cultural/intelectual. Vamos cascavilhar papéis escondidos, LPs guardados com sete chaves, dar uma geral em nossa humilde ou grandiosa biblioteca. Enfim, sugerimos que tente encontrar algo (disco, CD/DVD, Fita Cassete, ...) de Gilberto Gil e uns bons textos (romance, conto, crônica, ...) de Luís Fernando Veríssimo. Eles nos ajudarão a encarar o mundo com beleza poética, típica de Gil e a relaxar com um humor original de Veríssimo, nossos homenageados do bimestre.

Portanto, desejamos uma boa leitura e vamos renovar cada vez mais nossa mentalidade, com a ajuda desses grandes artistas da “Palavra”.

Que venha 2026!



GILBERTO GIL

TEMPO REI

“Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinaí-me, ó, Pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei”

GILBERTO GIL, O SOM NO VENTO

Maria Patriolino

Há artistas que cantam o tempo. Outros, o transformam. Gilberto Gil é um desses raros seres que parecem feitos de música, poesia e vento. Sua vida é uma travessia em ritmo de baião e psicodelia, um sopro de ancestralidade e invenção que atravessa décadas, gerações e fronteiras.

Desde menino, lá na Bahia, Gil já ouvia o som do mundo: o tambor, o rádio, o sussurro do vento nos coqueiros. Cresceu entre rezas e ritmos, entre o sertão e o mar. Mais tarde, sua curiosidade o levaria longe — de Ituaçu a Londres —, mas o coração permaneceu onde tudo começou, no Brasil profundo, plural que pulsa em sua voz.

Gil é um homem de muitas notas e de muitas vidas. Músico, poeta, ministro, pensador, marido, pai, avô — e, acima de tudo, um ser em permanente descoberta. Sua trajetória é marcada pela harmonia entre o moderno e o ancestral, entre o batuque da África e o som da guitarra elétrica, entre o axé dos terreiros e o rock de Hendrix.

Sua família é seu coro mais bonito. Dos filhos e netos vem o eco da continuidade — Preta, com sua força e coragem; Bem, com o mesmo timbre doce.

Ao longo da vida, o artista também buscou compreender suas raízes. Descobriu-se feito de muitas origens — africanas, ameríndias, europeias —, e fez disso música. Em vez de se dividir, multiplicou-se. Porque em Gil não há fronteiras: tudo é ponte, tudo é som.

Hoje, aos oitenta e tantos anos, Gilberto Gil continua a cantar o Brasil que ele mesmo ajudou a reinventar. Um Brasil que dança, questiona, ama e resiste. Um país que, mesmo ferido, ainda encontra na arte um caminho de cura.

E assim ele segue — com seu violão, sua serenidade e seu sorriso que parece compreender o segredo das coisas. Porque, talvez, Gilberto Gil seja isso: o segredo do Brasil em forma de música. Um homem que canta e, ao cantar, revela que viver é uma canção, cheia de pausas, improvisos e eternos recomeços.



**“Quem poderá fazer, aquele
amor morrer, se o amor é como
um grão. Morre, nasce trigo,
Vive, morre pão.”**

Gilberto Gil



Maria Patriolino é escritora, autora de vários livros infantis, cordelista, romancista, coautora em diversas antologias brasileiras. Formada em Serviço Social e pós-graduada em Psicopedagogia.

“ANDAR COM FÉ” SEMPRE SERÁ PRECISO...

Denilson Marques dos Santos

Gilberto Passos Gil Moreira nasceu em Ituaçu (BA) no dia 26 de junho de 1942, e desde cedo demonstrou seu interesse pela música, tocando acordeão e ouvindo grandes nomes do rádio como: Luiz Gonzaga, Orlando Silva e Bob Nelson. Estudou Administração de Empresas na UFBA, mas logo se voltou à carreira artística. Nos anos 1960, se destacou no cenário musical brasileiro, tornando-se uma figura central do movimento tropicalista.

Gilberto Gil, como é conhecido, além de cantor, compositor, multi-instrumentista é também um importante ativista cultural. Sua obra mistura MPB, samba, bossa nova, rock, reggae, forró e música africana.



Gilberto Gil, multi-instrumentista

ANÁLISE DISCURSIVA DA MÚSICA “ANDAR COM FÉ”

1. Contexto histórico e de produção do discurso

A música foi lançada em 1982, em um período de transição política no Brasil, com o regime militar enfraquecido e a sociedade exigindo abertura democrática. Era um momento de esperança, mas também de incertezas, especialmente em relação ao futuro político, econômico e social do país. Gilberto Gil, como artista engajado, sempre usou sua obra como forma de comunicação política e cultural. Nesta canção, a “FÉ” não é tratada de maneira dogmática ou religiosa, mas como força interior e coletiva, algo que impulsiona o povo a continuar caminhando, apesar das adversidades cotidianas.

2. Sujeito discursivo e convicto de suas posições ideológicas

O eu lírico assume uma posição de porta-voz coletivo e não fala apenas por si, mas por um “nós” que compartilha crenças, resistências e esperanças. A “FÉ” não é apresentada como um instrumento de submissão, mas como resistência simbólica. A canção afirma a ideia de que, mesmo sem garantias racionais ou materiais, é possível avançar acreditando em si, no outro e na vida.

3. Evidências na interdiscursividade e intertextualidade A canção dialoga com vários discursos presentes na sociedade brasileira:

Religioso Popular: evoca a fé como valor espiritual, comum às tradições afro-brasileiras e cristãs; Político: a ideia de “andar com fé” sugere seguir lutando mesmo sem certezas, remetendo à luta contra a opressão e pela redemocratização no País; Sociocultural: articula linguagem simples e oral, típica da música popular, permitindo ampla identificação social.

Este entrecruzamento de discursos faz parte da riqueza desta composição musical de Gilberto Gil. Nela, ele reinterpreta significados já existentes e os reinscreve em um novo contexto sociocultural-político.



Registro do Show “Andar com Fé” (2015)

4. Efeitos ideológicos do discurso

A música naturaliza a “FÉ” como um valor coletivo fundamental para enfrentar tempos difíceis. Neste sentido, produz um efeito de: Coesão Social: une as pessoas em torno de um sentimento compartilhado; Resistência Simbólica: incentiva a continuar lutando mesmo sem garantias; Afirmação da Identidade Popular: valoriza a sabedoria e a espiritualidade do povo brasileiro. O discurso não é neutro, ele atua politicamente, mesmo de forma sutil, estimulando a esperança em um momento de crise.

Destarte, concluímos que “Andar com Fé” é mais que uma canção religiosa: é um ato discursivo de resistência, união e esperança. Gilberto Gil transforma a fé, de conceito carregado de significados históricos, socioculturais e religioso, em um símbolo de força popular diante das incertezas do Brasil dos anos 1980. A canção produz sentidos múltiplos: para alguns, evoca a religiosidade; para outros, a luta política; para todos, representa a necessidade de seguir caminhando, acreditando e resistindo sempre nas adversidades cotidianas.



Denilson Marques dos Santos - Mestre em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); Graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Memória (ARTEMI/UEPA); Docente da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas “Filosofia” e “Estudos de Religião”; Colunista da Revista SARAU. E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br / Contato: (91) 98212-3606.

“Olha, lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu”

Gilberto Gil

PROCISSÃO DE GILBERTO GIL

Luiza Pontes

A procissão se arrastava que nem cobra pelo chão, demonstrando a fé do povo sertanejo nas coisas lá do céu, apesar de penar aqui na terra, esperando o que Jesus prometeu.



Luiza Pontes - Contista, poeta, autora da Literatura Infanto Juvenil, atriz, performance, diretora teatral, pesquisadora e professora do Ensino Médio. Fez parte de várias antologias pela Academia da Incerteza, Resistência Mandacaru, pela Revista Sarau. Em 2024, fez sua primeira publicação pela Editora Karuá: "Uma Galinha chamada Teresa" e depois, "As Aventuras de Laurinha com a lagartixa" pela Editora Caneca. Faz parte dos seguintes grupos literários: Academia da Incerteza, AABLA, Clube de Leitura Conversa, Lamparinas - Coletivo de Literatura Infantil e Infantojuvenil e Clube dos Poetas Cearenses.

GIL, MINISTRO DE NÓS MESMOS

Lucirene Façanha

Quando Gilberto Gil assumiu o Ministério da Cultura, em 2003, parecia improvável que um músico — ainda por cima tropicalista, experimental e avesso a formalismos — pudesse reinventar a maneira como o país pensa políticas culturais. Mas foi justamente essa combinação de leveza e rigor, arte e método, que fez de Gil um dos raros gestores públicos capazes de propor não apenas programas, mas uma visão de país. Sua passagem pelo ministério permanece como uma das mais férteis experiências do Estado brasileiro no campo da cultura — e, paradoxalmente, uma das menos compreendidas.

Gil foi o primeiro a enxergar, dentro do governo, que cultura é infraestrutura. Ao pensar cultura como direito, território e economia, deslocou o debate do folclórico para o estratégico. Os Pontos de Cultura espalhados pelo Brasil — sua política mais emblemática — anteciparam discussões que hoje dominam o mundo: descentralização, redes colaborativas, economia criativa, autonomia comunitária. Gil percebeu que o Estado não precisava mandar na cultura: precisava ouvi-la, conectá-la e fortalecê-la onde ela já pulsava.

Visionário, tratou a cultura digital como política pública em uma época em que a internet ainda era vista como curiosidade. Defendeu software livre, discutiu direitos autorais com coragem e propôs que o Estado fizesse parte da revolução tecnológica como parceiro do cidadão. A agenda digital brasileira ainda tenta atingir o patamar conceitual inaugurado por ele.

No entanto, o legado de Gil segue sub aproveitado. As idas e vindas do Ministério da Cultura, ora valorizado, ora desmontado, revelam o quanto ainda não compreendemos a dimensão de seu projeto. Um país que não protege sua diversidade cultural entrega, sem resistência, sua soberania simbólica — e, com ela, parte de suas possibilidades de futuro. Gil nos mostrou que investir em cultura é investir em desenvolvimento, democracia, autoestima nacional e economia. Não aprendemos a lição.

O Brasil segue carente de gestores que compreendam a cultura como Gil compreendeu: como força produtiva, como ferramenta de cidadania, como alma coletiva. Por isso, sua passagem pelo governo deveria ser estudada, retomada e atualizada como estratégia. Gilberto Gil foi, sim, ministro da Cultura. Mas, sobretudo, foi ministro de nós mesmos: da nossa complexidade, da nossa potência e da nossa capacidade de sonhar um país melhor do que o que temos permitido existir.



Lucirene Façanha nasceu Morada Nova, reside em Fortaleza/CE. Aposentada do Banco do Brasil, escritora, artesã, mãe de Silvia e Adriana, Graduada em História, com especialização em Ensino. A partir de 2017, participa de diversas antologias/ coletâneas. Destaque em 2019 no XXI Prêmio Ideal José Telles e segundo lugar em 2020, com nota máxima, no Instituto Federal da Paraíba — IFPB. Publicou em 2020, “O Homem na Janela”. Em 2021, “Hecatombe”. Publicou pela Amazon os e-books: “Silencio sobre o algodão” e “O Elo”. Em 2024, “Pedro e a Noite de São João”.

@ lucirenefacanha; f lucirene.facanha;
lucyfacanha@gmail.com

GILBERTO GIL: A VOZ DA BAHIA E A ESSÊNCIA DA MÚSICA BRASILEIRA

Élcio Cavalcante

Gilberto Passos Gil Moreira, nasceu em Salvador – Bahia, em 26 de junho de 1942, ainda bebê, ele foi levado pelos pais para a cidade de Ituaçu no interior da Bahia, onde passou seus primeiros anos de vida; na adolescência, junto com sua irmã Gildina, se mudaram para Salvador; é um dos mais influentes cantores e compositores do Brasil. Sua trajetória musical é marcada por uma rica mistura de ritmos, que vão do samba ao rock, passando pelo reggae e pela Música Popular Brasileira – MPB. Gil é um ícone da Tropicália, movimento cultural que revolucionou a música e a arte brasileira nos anos 1960, trazendo uma nova estética e uma crítica social e política profunda.

Desde jovem, Gil demonstrou interesse pela música e pela cultura afro-brasileira. Em sua juventude, mudou-se para Salvador, onde começou a se envolver com o cenário musical local. Sua carreira decolou na década de 1960, quando lançou álbuns icônicos como “Louvação” e “Gilberto Gil”, que contavam com letras poéticas e inovadoras, refletindo as questões sociais e políticas do Brasil da época.

Um dos traços marcantes da obra de Gilberto Gil é sua capacidade de dialogar com diferentes estilos musicais e influências culturais. Ele incorporou elementos do rock e do reggae à sua música, criando um som único que ressoou com diversas gerações. Suas canções, como “Aquele Abraço” e “Expresso 2222”, são verdadeiros hinos que celebram a cultura brasileira e a diversidade do povo.

Além de sua carreira musical, Gilberto Gil também teve uma trajetória política significativa. Ele foi Ministro da Cultura do Brasil de 2003 a 2008, onde trabalhou para promover a cultura brasileira e apoiar artistas em sua expressão. Sua visão sobre a cultura como um direito de todos e sua luta por políticas inclusivas deixaram um legado importante para as futuras gerações.

Gilberto Gil continua ativo na música, realizando shows e lançando novos trabalhos, sempre com a mesma energia e paixão que o caracterizam. Sua contribuição à música e à cultura brasileira é inestimável, fazendo dele um verdadeiro símbolo da identidade nacional.

O artista negro brasileiro Gilberto Gil é mais do que um cantor e compositor; ele é um artista que transcende fronteiras, unindo ritmos e culturas, e cuja obra continua a inspirar e emocionar pessoas ao redor do mundo.

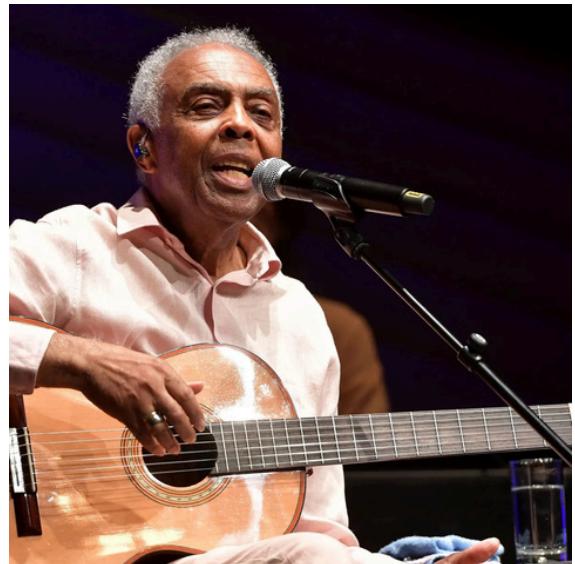


Foto: Divulgação

Gilberto Gil é, sem dúvida, uma figura central na música e na cultura brasileira, com uma carreira que continua a evoluir e a inspirar novas gerações.

Em síntese, Gilberto Gil representa a essência da música brasileira, com sua capacidade de inovar e dialogar com diferentes ritmos e culturas. Sua trajetória não se limita apenas à música; ele é um defensor da diversidade e da cultura como um bem coletivo. Através de suas canções e de seu trabalho como político, Gil inspira novas gerações a valorizar suas raízes e a lutar por um Brasil mais justo, humano e inclusivo. Sua obra permanece relevante, refletindo a riqueza cultural do país e a força transformadora da arte.



Élcio Cavalcante - Professor de História.

DIVAGAÇÕES LITERÁRIAS E SONORAS

Néia Gava

Enquanto escrevo estas linhas, ouço a música *Wherever you will go* (Onde quer que vá), da banda The Calling, pois música e literatura são artes que caminham de mãos dadas por aí, por aqui e acolá. Ambas são inspiradoras. E com as minhas raízes de leitora fincadas na literatura brasileira, mas uma apaixonada por literatura estrangeira (afinal, independentemente de sua nacionalidade, a arte literária nos motiva a reflexões, divagações, críticas, viagens...), posso afirmar o quanto a arte literária é um atrativo transformador, que nos permite o lazer e o conhecimento. O que seria de um povo sem literatura? O que seria dos apreciadores de leituras sem a literatura?

A diversidade artística (literária, musical, entre tantas outras) é envolvente. Da arte nacional à estrangeira, quanta riqueza há. Basta apenas que saibamos apreciá-la. Mas, neste texto, ao som de The Calling, escolhi apreciar os escritores brasileiros Gilberto Gil e Luis Fernando Veríssimo. Talentosos, inteligentes, músicos, críticos, líricos. Uma lista enorme de habilidades artísticas que ambos possuem para alegrar os fãs.

Gil passeia pela música e pela poesia, permitindo que os seus apreciadores se deleitem com cada letra, musicalizada ou não. O cantor e poeta metaforiza o simples que se torna lírico: “Uma lata existe para conter algo/Mas quando o poeta diz: lata/Pode estar querendo dizer o incontível...”. Transitar entre o simples, a poesia e a música para Gilberto é uma arte prazerosa. E para os fãs, pura magia entre o conhecimento e o prazer.

Veríssimo nos deixou um legado artístico imensurável. Considerado um dos fenômenos editoriais do país, o escritor sempre percorreu por produções escritas entre crônicas, romances e quadrinhos. Com o seu estilo humorístico e crítico, conquista facilmente os seus admiradores. Em seu texto “O homem trocado”, Luis Fernando narrou, com muito humor, os diversos erros que acontecem em nossos cotidianos: “...E o meu nome? Outro engano. / - Seu nome não é Lírio?/ - Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...”.

Encerro o meu texto ao som de “Além desse futuro”, do cantor Fagner, demonstrando o meu gosto diverso pela arte, aquela que embriaga de emoções, como Gilberto e suas poesias e músicas, e seduz pela verossimilhança, como Luis Fernando e suas produções literárias. Ambos permeados por talento criativo e literariedade, que enobrecem a diversidade cultural do Brasil, um país tão plural.

Ao Gil, gratidão por nos embalar com músicas poéticas!

Ao Veríssimo, gratidão por nos aconchegar com literatura e humor!



Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Coordenadora Diocesana da Pascom – Área das Rochas. Coordenadora do núcleo Coletivo Escritoras Cachoeirenses. Colunista do Jornal Clube dos Poetas Cearenses.

ARTE VISUAL



Sandra Fontenelle - Folha de Torém ou Embaúba

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO: O HUMOR E A CRÍTICA DO MESTRE NA CRÔNICA BRASILEIRA

Élcio Cavalcante

Luís Fernando Veríssimo nasceu em 26 de setembro de 1936, em Porto Alegre – Rio Grande do Sul e faleceu na mesma cidade em 30 de agosto de 2025, aos 88 anos, foi um dos mais renomados escritores e cronistas do Brasil. Com uma carreira que abrange mais de cinco décadas, Veríssimo se destacou pela sua habilidade em transformar o cotidiano em literatura, utilizando o humor e a crítica social como ferramentas para engajar o leitor.

O cronista, escritor e cartunista Luís Fernando Veríssimo começou sua carreira literária na década de 1960, publicando suas primeiras crônicas em jornais e revistas. Desde então, ele se tornou uma voz influente na crônica brasileira, abordando temas variados, como política, relacionamentos, e a cultura brasileira, sempre com um olhar perspicaz, crítico, irreverente e bem-humorado.

Entre suas obras mais conhecidas estão “O Analista de Bagé” e “A Velhinha de Taubaté”, que ilustram sua capacidade de criar personagens memoráveis e situações engraçadas, mas que também refletem as complexidades da vida. Sua escrita é marcada por um estilo leve e acessível, que cativa leitores de todas as idades. Veríssimo consegue, com maestria, fazer rir e refletir ao mesmo tempo, tornando suas crônicas atemporais.

Além de cronista, Veríssimo é também romancista e roteirista, tendo escrito peças de teatro e roteiros para a televisão. Sua versatilidade como escritor o levou a explorar diferentes gêneros literários, sempre com a mesma qualidade e criatividade. Ele é um verdadeiro ícone da literatura brasileira contemporânea, sendo amplamente lido e admirado.

Luís Fernando Veríssimo também se destacou por seu engajamento social e político, utilizando sua escrita para criticar injustiças e absurdos da sociedade. Suas crônicas frequentemente abordam temas como a corrupção e a desigualdade, sempre de maneira inteligente e provocativa, tornando-o um dos grandes nomes da literatura brasileira, cuja obra transcende gerações. Com seu humor afiado e sua visão crítica da realidade, ele continua a encantar e inspirar leitores, reafirmando a importância da crônica como forma de arte e reflexão.



Foto: Divulgação

Luís Fernando Veríssimo é um dos grandes mestres da crônica brasileira, cuja obra transcende o tempo e cativa leitores de diferentes gerações. Com seu estilo leve e bem-humorado, ele transforma o cotidiano em literatura, abordando temas universais e relevantes com uma perspectiva crítica e inteligente. Sua contribuição para a literatura e a cultura brasileira é inestimável, consolidando-o como uma figura essencial na formação do pensamento e da identidade nacional. Veríssimo não apenas entretem, mas também provoca reflexões profundas, reafirmando o poder da escrita como ferramenta de crítica e transformação social.

Élcio Cavalcante - Professor de História.

A MENTIRA CHAMADA “VOU RESPONDER DEPOIS”

Enrico Pierro

existe uma mentira universal que ninguém admite, mas todo mundo usa com frequência assustadora: “vou responder depois”. é sempre dito com boa intenção, naquele momento em que você está dirigindo, trabalhando, no mercado, ou simplesmente tentando sobreviver ao dia. você vê a mensagem, pensa na resposta, formula mentalmente algo até bonito... e, claro, decide deixar para depois. o problema é que esse “depois” não existe no nosso fuso horário. ele vive numa realidade paralela, junto com dieta de segunda-feira e metas de fim de ano.

eu faço isso demais, principalmente quando estou dirigindo. a notificação aparece, eu penso “respondo quando paro”, mas quando finalmente paro o carro, a última coisa que eu quero é lembrar que eu sei escrever. e quando chego em casa, piora: eu só quero existir, sem precisar construir frases completas ou ter qualquer traço de socialização ativa. a alfabetização vira opcional depois do trabalho.

e, na tentativa de evitar que as pessoas achassem que eu estava ignorando elas, eu tirei tudo do whatsapp: visto por último, confirmação de leitura, visualização, o pacote completo. funcionou? não. agora ninguém sabe se eu li, se eu não li, se eu esqueci, se eu morri ou se eu simplesmente virei uma entidade etérea que responde quando quer. a verdade é mais simples: eu só não lembrei. Literalmente.

pior é o ciclo da culpa. você sabe que esqueceu. lembra que esqueceu. sente culpa por ter esquecido. mas já passou tanto tempo que responder agora parece quase uma carta formal de retratação. a pessoa te manda um “???” e você, de repente, desperta do transe social e pensa: “meu deus, eu realmente sumo sem perceber”.

no fim, o “vou responder depois” não tem nada a ver com desinteresse. é só cansaço acumulado, a vida acontecendo, a cabeça tentando se organizar e falhando miseravelmente. todo mundo está tentando equilibrar trabalho, responsabilidades, ansiedade e o mínimo de sanidade mental. e às vezes, responder uma mensagem exige mais energia do que a gente tem.

quem gosta da gente já entendeu.

e quem não entendeu... pelo menos não viu o visto. porque eu tirei.



Enrico Pierro, nasceu em 1986, passou a maior parte da sua vida em um mundo analógico, onde toques eram reais e as palavras eram impressas em papéis. Enrico é um apaixonado pelas palavras e pelas letras, além de ser um amante voraz de leitura, e os livros se tornaram seus melhores amigos. Suas palavras não são apenas composições literárias, são na verdade extensões de sua própria alma. @enricopierrofc (Instagram, TikTok, X e Threads) e seu blog: <https://enricopierro.com.br/>



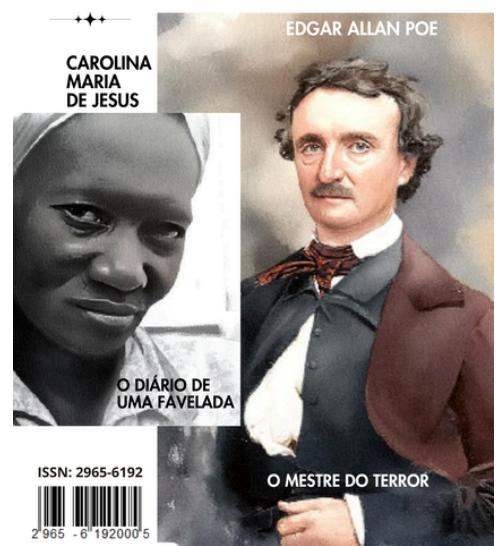
O Coletivo Ceará Literário é uma iniciativa que reúne escritores, poetas e amantes da literatura no Ceará, promovendo a troca de experiências e a valorização da produção literária local. Este coletivo busca fomentar a cultura literária através de eventos, oficinas e publicações, além de estimular a leitura e a escrita entre a comunidade.

Principais características:

- **Integração Cultural:** Reúne diversos gêneros e estilos, promovendo a diversidade literária.
- **Eventos Literários:** Organiza lançamentos de livros, saraus e encontros para discussão de obras.
- **Formação:** Oferece oficinas e cursos para desenvolver habilidades literárias.
- **Valorização Local:** Incentiva a produção de escritores cearenses e a divulgação de suas obras.

REVISTA Sarau

VOLUME 06 . NÚMERO 19 . MARÇO/ABRIL DE 2026



OS POVOS ORIGINÁRIOS

(CONTOS DO REINO)

Jonas Serafim

Havia na terra dos povos originários uma harmonia na convivência social. Quando acontecia uma crise econômica, ou de outra natureza agravante, os representantes das famílias se reuniam em uma grande assembleia e decidiam o que era melhor para todos. Com o passar do tempo, esses valores foram confrontados pelos colonizadores. O mundo não é só um globo terrestre como uma bolha ingênua. Mas pelo livre-arbítrio as pessoas começam a reagir de forma diferente e indiferente. É neste contexto que esta história se encontra.

Na terra dos povos originários existiam os aborígenes que cuidavam muito bem da terra, da água, do ar e das pessoas, procurando sempre compartilhar uma boa convivência. Com a chegada dos colonizadores - e nisto já diz o sentido da palavra que traz o propósito de explorar – a história foi até o último grau de escravidão, tendo, portanto, resistência e mortes.

Entre os colonizadores, encontram-se os monarcas, os hodiernos e os tiranos. Os monarcas fizeram uma viagem além-mar e invadiram as terras dos povos originários, alegando proteger de outros povos, coisa que estes já estavam fazendo, isto é, chegaram confrontado e se impondo diante dos aborígenes. Os hodiernos foram os descendentes dos monarcas que deram continuidade esse processo colonizador, disfarçado de república. Denominaram os povos originários como uma república, criando um governo sobre os aborígenes, sem necessidade. Depois, a própria história ficou colonizada, e toda cultura original dizimada, sendo sustentado até hoje pelos tiranos que nasceram dos hodiernos e aperfeiçoaram a lógica da colonização.

Os povos originários tinham um mundo biodiverso e livre. Transitavam e se aventuravam com os desafios da própria natureza. Não precisavam de forasteiros. Recusaram ser escravos. Escolheram viver e lutar. Os colonizadores criaram um abismo desumanizante e roubaram as riquezas da terra, destruíram a natureza e mataram os povos nativos. Diante desta transformação desumana, um outro mundo foi forjado. Mas, concomitante a este processo, uma resistência dos movimentos populares surgiu entre as raízes culturais da miscigenação. Neste caminho novo aconteceu um discernimento emergente. Não tinha como voltar a história. Mas era possível reconstruí-la. Também não quer dizer que não teria perseguições.

Com certeza, a história seria outra e bem melhor se não fosse a colonização. Aliás, isto serve para qualquer parte do mundo. As armadilhas criadas por uma ideia colonizadora e tirana, mereciam não serem concebidas. O ser humano é também um animal, embora racional. Mas, tal racionalidade faz do livre-arbítrio um crime. Viver é uma provação perigosa. A morte não é um problema, é uma transformação. Em cada dia, cabe aprender e saber da história o que é preciso resgatar e reconstruir. Assim renascemos, ressuscitamos em cada luta diária. Neste processo encontramos as crises e as recompensas. No mais, o desfecho da história acontece na luta de cada dia.



Jonas Serafim de Sousa nasceu em 30 de março de 1962, em Recife, Pernambuco. É professor na Prefeitura de Fortaleza e atuante no Sindiute. Mestre em Avaliação de Políticas Públicas pela UFC. Publicou seu primeiro livro na Bienal de 2022 em Fortaleza com a obra "Endyra: uma aventura na Amazônia". Em 2024, publicou "Poesofia". Residente em Pacatuba, Ceará. Publicações: jonaslivros.blogspot.com - Contato: (85) 9 8604.8862. Instagram: @jonas.serafim.



GIL NA PRÉ-ESCOLA

Emília Nazaré

Viralizou, recentemente, nas redes um vídeo encantador de alunos da educação infantil de uma escola municipal de Santo André, no estado de São Paulo. Nele, os pequenos, cuja idade máxima não chega aos sete anos, perguntam se quem assiste gosta do compositor Gilberto Gil, afirmam que eles também o amam e que até fizeram um filme dele, que deve ser assistido com o celular na horizontal.

O que se segue é uma série de cenas de puro encantamento: aqueles lindos alunos pré-escolares representando artistas de gerações anteriores, como o próprio Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gal Costa, Elis Regina, Rita Lee e outros, contando a história de Gil desde o seu nascimento, apresentando sua família e exaltando até a memória de seus filhos já falecidos, Pedro e Preta. Eles mesmos narram as cenas com sua linguagem característica e seguem um roteiro que exalta, muitas vezes, o amor nas suas mais variadas formas, e ainda cantam!

Apresentar os grandes mestres da música, da literatura, do cinema e de qualquer área às crianças é um compromisso que todo adulto deveria assumir, sobretudo quando se tratam de nomes do seu próprio país. Em breve, essas crianças irão crescer e a presença de muitos desses artistas estará apenas na memória. Que, nessa memória, eles possam saber que a arte se eterniza através daqueles que a produzem e a replicam, com o exemplo de Gil no mundo, com o exemplo deles na pré-escola.

Emília Nazaré - Cachoeirense adotiva, morando na Grande Vitória. Observadora e apreciadora dos detalhes, das memórias e dos encantos do nosso Estado.

TEMPO

Virgínia Pastore

Relaxo os ombros e encosto na cadeira,
Encarando as marcas no rosto pelo espelho.
O tempo e a vida não foram gentis até aqui,
E me deixei perder todas as batalhas.

A dor corrói meus ossos,
E o cansaço atrofia meus velhos nervos.
Quem eu fui não importa mais,
As lembranças sopraram tudo para longe,
Como as areias são varridas das praias.

Te esperei por dias e anos,
Sonhando acordado com o que viria depois.
E foi em vão, tudo em vão.
Uma vida toda desperdiçada.
Você nunca chegou, e eu nunca mudei,

O tempo levou e curou.
Não me permitiu esquecer,
Mas deixou que mudasse e recriasse tudo.
O tempo é a morte e a cura de todas as coisas...

Virgínia Pastore - Nascida e criada em Cachoeiro de Itapemirim. É escritora, poetisa, colunista, coordenadora de núcleo no Coletivo Escritoras Cachoeirenses, e se arrisca na fotografia nas horas vagas. Publica seus textos desde 2017 nas redes sociais e, em 2021, passou a publicar seus livros de forma independente.

ENTRE LETRAS E ACORDES

Vilma Gonçalves

Com um sorriso de canto,
Luiz escreve o mundo —
do colorido ao preto e branco,
acendendo o espanto.

Gil canta o tempo
e nele perdoa o vivido.
A fé vira refrão que entoa
no coração do oprimido.

Um tem a pena afiada,
o outro, a alma cadenciada.
Ambos sabem que o Brasil
é terra bela e afortunada
com almas aprisionadas.

Luiz brinca com o trágico,
Gil vê luz no quebranto.
Um traduz o ilógico,
outro canta o pranto.

Nas entrelinhas se cruzam
daquilo que não se explica:
o humor que não é fuga,
a fé que não se fabrica

E assim seguem no tempo,
sem alarde, sem tambor,
deixando no ar o sopro
e o rastro do autor.

E quando a rede sacode
e a vida fica pesada.
A gente lembra que eles têm,
na voz, um armazém
de beleza pro harém
de alma atormentada.

Luiz e Gil:
um verbo, um violão.
Duas vozes na multidão
que embalam o coração
na travessia dos ventos.

Vilma Gonçalves – Professora, graduada em Letras, Artes Visuais e Pedagogia. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Arte e Educação, Planejamento Educacional, Educação Especial e Psicopedagogia.

A LÍNGUA, UM SER VIVO EM CONSTANTE MOVIMENTO

Elaine Meireles
ponchetart1@gmail.com

Recordo com alegria minha adolescência e com gratidão a família em que nasci, como também aos amigos feitos nesse período tão precioso, muitos dos quais ainda mantenho contato. Relembro os banhos de mar na Praia de Iracema e nas piscinas do Náutico (numa delas, a piscininha infantil em formato de oito, quebrei um dente), as festas animadas do Clube Iracema, próximo de minha casa; as tertúlias e as matinês dos carnavais do Náutico Atletico Cearense e do Country Club; as sessões de filmes no Cine São Luís, tais como "Marcelino Pão e Vinho" e "Candelabro Italiano", "Ben Hur", "Lawrence da Arábia", ... os amedrontadores e terríveis "Psicose", "O Bebê de Rosemary", "Laranja Mecânica" ... e o concorridíssimo "Emmanuelle". Enfim, entre tantos outros eventos maravilhosos vividos, destacam-se, sempre, aqueles com meus pais, irmãos, tios, primos, com amores, colegas de trabalho, amigos e vizinhos.

A linguagem utilizada por cada um nós naquela época, era carregada de simbologia, dita a meio tom, sempre com o temor de ofender a(o) amada(o), pois amar era "uma brasa, mora". As salas de cinema proporcionavam os primeiros afetos entre os namorados, mas no "escurinho do cinema", os lanterninhas ficavam passeando pra cima e pra baixo, entre os corredores das fileiras das cadeiras da sala do cinema, na tentativa de separar algum casalzinho mais atrevido que estava a se beijar.

À saída da escola, fosse no turno da manhã ou da tarde, ao final de aula, quer estudássemos no Imaculada (Colégio da Imaculada Conceição) ou no Justiniano (Colégio Estadual Justiniano de Serpa) era obrigatória a caminhada pela praça do Colégio Militar e depois passar pelo Colégio São João, para ver se encontrávamos algum "broto" ou um "pão" para paquerar. Contudo, só esperávamos que não aparecesse nenhum "cafona", pois sendo um "boa pinta", mesmo de "bode" a gente convidava para dar uma olhada no Palácio (Palácio do Plácido Carvalho). Era a caminhada do "Círculo da Santos Dummont", pois ainda não tínhamos a regalia de andar de carro próprio, nem de ônibus, nem taxis, nem de Uber, para nos deixar em casa.

Os tempos mudaram! E como mudaram! As relações humanas, os comportamentos sociais, as tecnologias, os contratos econômicos, o conceito de Liberdade, o entendimento de Ética, as ideias de Moral ... enfim, tudo. De novo, só as velhas regras, que agora são ditadas pelas novas tecnologias, que como novos senhores feudais impõem suas vontades, seu poder, deixando o Ser Humano, insano, à mercê do acaso e do clicar no teclado de um computador.

As pessoas estão se tornando cínicas – descrentes e sarcásticas. Este conceito moderno se distancia muito do daquele de Cinismo na Antiguidade Clássica. Tratava-se, pois de uma Escola em que se pregava a o viver de uma vida sim, em harmonia com a natureza, desprezando as convenções sociais, bem com os prazeres da vida material. A então escola era um convite concreto para uma busca radical pela liberdade e felicidade plena. Podíamos reconhecer os "cínicos" como alguém que queria viver uma vida de autenticidade, desapegadas das coisas humanas e sempre questionando tudo aquilo que a sociedade de então valorizava.

O "humor e a ironia" eram usados para desestabilizar a sociedade e convidá-la a refletir sobre seus "vícios" e "virtudes". Hoje, qualquer cidadão antenado às novas tecnologias e em parceria a organizações, ao lado de tantos outros cidadãos, estão preocupados com o destino da Humanidade. Não necessitaria de linguista renomado para afirmar, em uma "metáfora ousada e paradoxal", a certificação de que a cada instantes nativos são enterrados vivos, por serem possuidores de uma infinita fonte de Conhecimento e que se escondem nos porões mais fétidos da cidade, resignados as suas mesquinhos e hipocrisias.

É... são os novos cínicos! Sem dúvida, "A Língua é um ser vivo, em constante movimento",



Elaine Meireles – Graduada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especialista em Literatura Luso-Brasileira, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua como Tutoria no Ensino a Distância (UFC-UAB desde 2008), nos Cursos de Pedagogia de Projetos, Aprendizagem Significativa, Formação de Professores (Mídias na Educação - E-Proinfo/MEC). Professora/Escritora/Pesquisadora tem livros/apostila de Português, Linguística, Literatura e Compreensão Leitora. Articulista/Conselheira/Editora da Revista Sarau (Revista Digital). Tem participação, com crônicas e poesias, nos livros "Cartas para Belchior" – v.1 e v.2 – e "Novos Poetas do Ceará".

O VELHO AMIGO DE INFÂNCIA

Rita Brígido

Certa manhã, esbarramo-nos no corredor. Foram, ao chão, meu celular e todas as tralhas dele: luzes pisca-pisca; papai noel que requebra ao som de funk; sininhos a tilintarem por abraços, beijos, chamegos.

Meu novo vizinho! Naquele 'encontrão de boas-vindas', pôs sobre mim um profundo olhar... eu olhei para ele com pupilas de "por quês???" Aqueles mais-que-infinitos olhos tinham algo familiar. Fitavam-me firmemente, além da íris das horas e do cristalino das memórias. E foi, então, que o Tempo tocou-me com delicadas mãos de 'déjà vu'.

- Natal! Natal!!! Há quanto tempo!!! Meu velho amigo de infância!!! - saudei-o, entusiasticamente, chacoalhando sua mão com mãos de criança.

Ora! Como pude esquecê-lo por tantos anos??? Perdemos um ao outro nas múltiplas mudanças de endereço da vida. Natal sorriu placidamente, e vibrando seus sininhos, deu-me um acolhedor abraço. Dentre seus apetrechos, o pião do passado pôs-se a rodopiar.

- Quantas vezes, Natal, papai e mamãe montando o presépio... a ceia de afetos à mesa... a árvore luzindo sonhos. Natal, quantas vezes Natal em meu lar!!!

Ele, então, notou que minha porta jazia nua em pleno dezembro... e perguntou-me:

- Não tiveste tempo ainda de natalizar tua casa?

- Bem... para ser sincera, não foi apenas falta de tempo.

- Minha amiga! Minha amiga!!! Acender estrelinhas no céu de nosso lar é como chá quente em noite de inverno. Em nossa jornada, por vezes, temos que ir além de nosso estado de espírito.

Na manhã seguinte, ao sair de meu apartamento, dei de ouvidos com sonoras gargalhadas. Eram minhas próprias!!! O motivo para tanto riso? Ora, na porta do vizinho, pendia uma hilariante estrela dourada. Ó, Céus! Onde Natal teria encontrado aquilo??? Parecia um acessório da vestimenta de algum super-herói da Marvel. O mais estranho, porém, é que a retrô e cômica estrela à porta, paradoxalmente visionária, cutucava-me de futuro.

O Natal continuava o mesmo: doce e hilariante...luminoso e profundo!!! Eu é que era outra... e, agora, mais uma vez, eu era uma outra mais!!!

Enquanto pendurava, em minha porta, minha antiga guirlanda de esperanças... o vizinho apareceu e tratou de ajudar-me. Que bom que a vida trouxe de volta o velho amigo de infância!!!

- Bom dia, vizinho! Feliz Natal, Natal!!!



RITA DE CÁSSIA BRÍGIDO FEITOZA - Graduada em Letras e Direito pela UFC, e Pós-Graduada pela UNIFOR. Poeta, palestrante cultural, integrante da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Em sua trajetória, êxitos em concursos literários nacionais e internacionais (1º lugar do V Festival de Poesia de Lisboa; dentre outros) e a participação em antologias lusófonas e coletâneas brasileiras.

O FASCISMO QUE SE REINVENTA E SE TRANSFIGURA

Francisco José Mesquita Bezerra

Tenho pensado, com crescente angústia, em como o fascismo nunca desapareceu — apenas trocou de roupas. Ele deixou as fardas, os desfiles e os gritos nas praças para se infiltrar nos algoritmos, nas câmaras legislativas, nos templos religiosos e, sobretudo, nas conversas banais. O fascismo de hoje não precisa mais da censura explícita: ele se disfarça de “opinião”, de “defesa da família”, de “liberdade de expressão”. É o fascismo líquido, que flui por entre as brechas da democracia e se alimenta do medo, da desinformação e da solidão.

O que mais me inquieta é perceber que ele se reinventa com a aparência do novo, mas sustenta o mesmo ódio antigo. O alvo muda — às vezes é o imigrante, o artista, o professor, o pobre, o diferente —, mas o mecanismo é sempre o mesmo: desumanizar para dominar. Esse fascismo digital não se impõe pela força bruta, e sim pelo desejo de pertencimento. Ele cria comunidades de ressentimento, bolhas de certezas absolutas, zonas de conforto moral. E quem se sente invisível, cansado, esquecido, encontra ali uma identidade — mesmo que seja de ódio.

Vivemos uma época paradoxal: quanto mais conectados, mais vulneráveis ao autoritarismo emocional. A política virou espetáculo, e o discurso fascista aprendeu a jogar com a estética da revolta. Ele se apresenta como “autenticidade”, “coragem de dizer a verdade”, “oposição ao sistema” — e, com isso, captura os que perderam a fé nas instituições. O fascismo sempre soube manipular o medo, mas agora o faz com a velocidade da internet e o alcance das redes.

O que vejo é um fascismo sentimental, que se infiltra nos afetos e nos símbolos. Ele se apoia na nostalgia — esse desejo de um passado que nunca existiu — e na promessa de um futuro purificado, sem conflito, sem diversidade, sem dúvida. Mas a dúvida é o que nos torna humanos. O fascismo, ao contrário, nasce da recusa em pensar, do horror à complexidade, da vontade de reduzir o mundo a slogans e inimigos.

O mais assustador é que ele não precisa mais se declarar fascista. Ele se mascara de pragmatismo, eficiência, nacionalismo, moralidade. Ele se infiltra nas leis, nas escolas, nas piadas, nos discursos piedosos. Ele seduz até os que juram detestá-lo, porque oferece algo que o neoliberalismo e a política tradicional não conseguem mais dar: uma sensação de ordem no meio do caos.

Mas o fascismo, mesmo disfarçado, é sempre o mesmo: o culto à força, a negação da alteridade, a destruição da empatia. E cada vez que normalizamos o ódio, rimos de uma agressão, aplaudimos uma humilhação pública, aceitamos o silêncio como prudência — ele cresce mais um pouco.

Não há vacina definitiva contra o fascismo. Ele renasce das crises, das desigualdades, das frustrações. Por isso, combater o fascismo hoje é mais do que um gesto político: é um ato de cuidado, uma forma de preservar a humanidade no cotidiano. É questionar nossos próprios automatismos, nossos preconceitos, nossos impulsos de exclusão. O fascismo não volta — ele permanece, reinventado, camuflado, adaptado às linguagens do presente. E o maior risco é acharmos que ele está do lado de fora. O fascismo moderno mora nos pequenos gestos de indiferença, nos silêncios cúmplices, no conforto da neutralidade.

Hoje, mais do que nunca, sinto que resistir não é apenas uma escolha ideológica — é uma tarefa ética, diária, íntima. Porque toda vez que o medo tenta se disfarçar de ordem, é preciso lembrar que a liberdade, mesmo imperfeita, ainda é o único antídoto contra o abismo.

Leituras para refletir

1. Hannah Arendt – *Origens do totalitarismo*: o estudo seminal sobre como o ódio e a apatia se combinam para criar regimes de dominação.
2. Umberto Eco – *O fascismo eterno*: um alerta sobre as formas mutantes e persistentes do fascismo no mundo contemporâneo.
3. Susan Sontag – *Fascinating Fascism*: análise sobre o fascínio estético e o poder simbólico do autoritarismo.
4. Primo Levi – *É isto um homem?*: testemunho da desumanização e da resistência diante do horror.
5. Marilena Chauí – *Cidadania e medo: reflexão sobre o Brasil e o autoritarismo cotidiano*.

Francisco José Mesquita Bezerra - Cientista social, Assistente social, Técnico em segurança do trabalho, Psicanalista e graduando em Psicologia

UMA QUASE ODE ÀS TRAÇAS

Xico Bizerra

Passo a passo a traça passa
Sem ter pressa no passar
Penso e peço não se impeça
Dar-se à traça o seu traçar
Torço e rezo com meu terço:
Que não possa, sem apreço
Verso e prosa destroçar

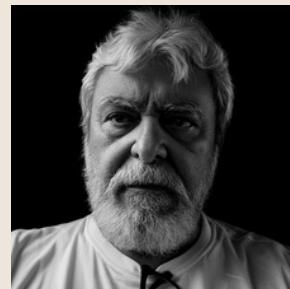
A traça abandona seu casulo e vem habitar minha estante. E é lá que ela, sem qualquer constrangimento, travessa, traça tudo que é troço que tenha letras. Alguém já tinha me advertido: 'Cuidado com as traças. Elas não sabem ler, mas adoram livros'. Papel nenhum escapa, novelas ou contos, crônicas ou versos. Os bons, traça-os. Os ruins, destroços que só à traça interessam, ela também os traça. Quando muito, sobra uma capa. Daquelas duras. Por vezes se empanturra com volumosos romances e tira gosto com pequeninos poemas, lancha kai-kais. Outras, apenas belisca crônicas breves, de pouco alfabeto, parecidas com as que teimo em escrever, poucos parágrafos, nenhum travessão.

A tudo devora, sem dó nem piedade. Não as impeço, não tento impedi-las: de nada adiantará. Surpresas há: um Saramago, restou quase intacto. Certamente não gostaram do cardápio português, do seu pouco tempero sem quase nenhum condimento, ponto ou vírgula. Já outros, começavam pelo prólogo, como se antepasto fosse. Alguns, como meu Manoel de Barros preferido e por mim tantas vezes lido e relido, foi devorado a partir da página 53, aleatoriamente, sem critério lógico nenhum. Ao fim, sobreviveu apenas o índice onomástico. Acho que em respeito às pessoas e bichos importantes ali contidos.

Fico a perguntar-me: por quantos serão lidas minhas mal tecladas e traçadas 'croniquetas', extraídas com tanto esforço e paridas de meu sofrido e limitado intelecto? Ou servirão apenas de alimento suprindo a sanha avassaladora por 'literatura' desses bichinhos pequenos e vorazes, de instinto faminto e destruidor?

Bicho mais 'letrado' que a traça não há. Até merecia uns versos, tivesse eu a certeza de que não seriam por ela traçados. Pior: mesmo que eu esconda minha biblioteca nas nuvens do Windows, não demora surgirá um hacker que, maldosamente, inventará traças cibernéticas, perigosas vilãs virtuais, devoradoras de bits que porão a perigo minhas pobres e suadas letrinhas. Minha vingança é a eterna esperança que elas venham a engasgar-se com umas reticências ou com um ponto e vírgula perdido no meio de um Drummond de minha biblioteca ...

Devoraram minha Barsa
Meu Aurélio e meu Houaiss
Nem Pessoa escapou
João Cabral e outros mais
Só restou um caderninho
Sem nada escrito, branquinho
Sem letras, na frente e atrás



XICO BIZERRA é cearense, nascido no Crato, radicado em Recife (Pernambuco) há mais de 40 anos, tendo já recebido os títulos de Cidadão Recifense e de Pernambuco. É autor de 13 livros publicados: BREVIÁRIO LÍRICO DE UM AMOR MAIOR QUE IMENSO e ENCONTROS AO REDOR DO SONHO, de Crônicas; PEQUENINAS HISTÓRIAS PARA GENTE PEQUENINA e 7 outros infantis, editados pela CEPE, BAGAÇO e IMEPH. Escreve para blogs e Jornais do Recife. Atua na área musical (15 discos e mais de 450 composições gravadas por Alaíde Costa, Elba Ramalho, Cida Moreira, Dominguinhas, Xangai, Quinteto Violado, Amelinha, dentre muitos outros. Tem como parceiros musicais, nomes como Dominguinhas, Luiz Gonzaga (parceria póstuma), Chico César, Toinho Alves (Quinteto Violado), Daniel Gonzaga e Maciel Melo.

ECONOMÊS

José Gurgel

Mais uma vez estou sentado tentando escrever o artigo, o Caixa Preta ainda não começou a me perturbar, pois sei bem que o cabra com esse calor infernal vai querer dar uma chegada lá no Porcão.

Quando chega nessa época do ano é melhor se preparar, o Natal se aproxima, olho pro quase extinto Lobo Guará que está na minha carteira, pobre lobo, já está rareando no bolso do assalariado também, como diz o velho Caixa, mais raro do que deputado em Brasília trabalhando.

Já vou preparar alguns cartões com as desculpas esfarrapadas de sempre pra driblar a ganância dos comerciantes com o orçamento ingrato.

As vezes chego a pensar que o velho Caixa é masoquista, pois enfrentar aquela sujeira e os doces coices do Galak, só mesmo sendo masoquista.

Estou com vontade de dar uma volta pela cidade pra tentar captar algum assunto discutido nas mesas de dominó, onde encontramos de tudo, milionários, filósofos, economistas que vivem às custas dos programas de governo, mas tem verdadeiro pavor de pobre, com toda certeza as prestações do carro novo estão atrasadas, o celular não para de tocar com cobranças.

Fico observando a irritação da galera, que reclamam desses bancos e financeiras sem coração que ficam toda hora cobrando, afinal o que são seis meses de atraso?

Basta ver essas operadoras de cartão de crédito, não conseguem entender que gasto é investimento, ficam toda hora lembrando que não é mais possível financiar a fatura pela décima quinta vez consecutiva.

Não consigo entender a frieza desses empresários que está impactando o lado social da turma, tornando a vida dos pseudos ricos um verdadeiro inferno.

Talvez o Caixa Preta tenha colocado o carinhoso apelido de Dubai baseado nessas conversas e discussões sem pé nem cabeça dessa galera que vivem em outro mundo, sempre delirando sobre riquezas.

Acho que viver respeitando o teto do meu salário está prejudicando muito o meu lado social, vou seguir a ideia do velho Caixa e editar uma PEC aqui em casa.

Ela vai me permitir gastar 30% a mais do que ganho, o mercado mesquinho é cruel, está me castigando sem piedade, meu score de crédito caiu muito depois que resolvi adotar essa nova filosofia econômica.

O jeito talvez seja me juntar a galera e danar o pau a mentir.

SAMBANDO

Como sempre acontece nessa época do ano esquecemos de tudo, o país que há muito está em marcha lenta para de uma vez. Todas as atenções voltadas para os festejos natalinos e em seguida o famigerado Carnaval, uma tradição de atraso que muitos dizem ser cultura, mas é a eterna cultura do atraso implantada nesse país desde o descobrimento, passando pela colonização até os dias de hoje.

Mas, aqui na Tropicália terra de Macunaíma é assim, difícil é ter que aceitar isso tão bovinamente como o povão aceita, sem de nada reclamar, cantando e sambando, apesar dos achaques e descalabros praticados por governantes inescrupulosos durante toda a nossa história.

Reclama-se de tudo, mas nada se resolve, só não pode faltar samba, futebol e carnaval. Como em todo país que acha lindo o atraso, a falta de caráter e ética, políticos posando de salvadores da pátria sem nunca aparecerem do lado da população, sempre prontos a aplicarem um novo golpe, desde que as benesses dos mesmos sejam mantidas.

Enquanto isso, a Mangueira entra fazendo um estrago danado, parecendo um furacão, mas o pior de tudo são os que dormem na hora que a Mangueira entra deixando um rastro de destruição pior que um gigantesco tsunami, que talvez não tenha conserto nesse ano, talvez demore muito, nem com muito choro e promessas pros santos vamos reverter tal cenário.

O grande palco está montado, vamos ver mais uma vez as nossas poucas esperanças sambarem, pois o que mais interessa é o samba na avenida e o feriado para as nossas bebedeiras e pseudoalegria (mais falsa que nota de três reais) pois com elas, procuramos esquecer o grande mal causado durante a entrada da Mangueira.
Não deixa o samba morrer!

José Gurgel é um apaixonado pelas letras e artes.



COLUNA CLICS DO SERTÃO

José Roberto Morais
Contato: joserobertos2013@gmail.com

BERENICE: UM AMOR LOUCO

José Roberto Morais

O conto “Berenice” faz parte da obra do escritor americano Edgar Allan Poe. Essa narrativa foi publicada em 1835 pela Southern Literary Messenger. Está no livro “Complete Tales and Poems” e disponível no formato pdf em Web-Books.Com. A principal característica dessa narrativa é o ambiente pitoresco envolvido pelo mistério e pelo terror, tornando-se uma das principais obras de Poe.

O texto é narrado pelo personagem protagonista Egeu. O melancolismo caracteriza a narrativa explicitamente a partir do princípio, pois o narrador afirma que “a desgraça é variada e o infortúnio da terra é multiforme” e que fora criado nas salas cinzentas e melancólicas do solar de seus avós. Nascera na biblioteca onde falecera sua mãe. Por isso, afeiçoara aos livros e devaneios desde a infância.

O seu primeiro amor fora Berenice, sua prima com quem compartilhara o lar paterno. Ambos diferentes: Egeu, doente e melancólico; enquanto Berenice era ágil, graciosa e energética. Porém, a garota fora contagiada por uma doença fatal que soprou sobre seu belo corpo, arrojando sobre ele um espírito de metamorfose que perturbou sua personalidade. Uma espécie de epilepsia que terminava em cataplexia. As leituras realizadas por Egeu vieram influenciar o seu comportamento perturbado; adicionado à moléstia mortal de Berenice forneceu motivos para intensa e anormal meditação. Após um pedido de casamento em um momento fatal, aproximou-se o período de núpcias e em instantes que estiveram frente a frente na biblioteca em que a prima sorriu, transpareceu no sorriso a presença de dentes brancos que passaram a ser contemplados exclusivamente com frenético desejo pelo narrador.

Esse desejo frenético pelos dentes da amada prima, tornou o narrador ainda mais meditativo levando-o a crer que apenas a posse dos dentes restituíria sua paz, por isso trancou-se em seu aposento solitário e percebeu a passagem dos dias observando as trevas e auroras. Após batidas na porta, fora avisado pela criada que sua noiva falecera, o que lhe deixou transtornado e foi ver o cadáver de Berenice que estava no caixão.

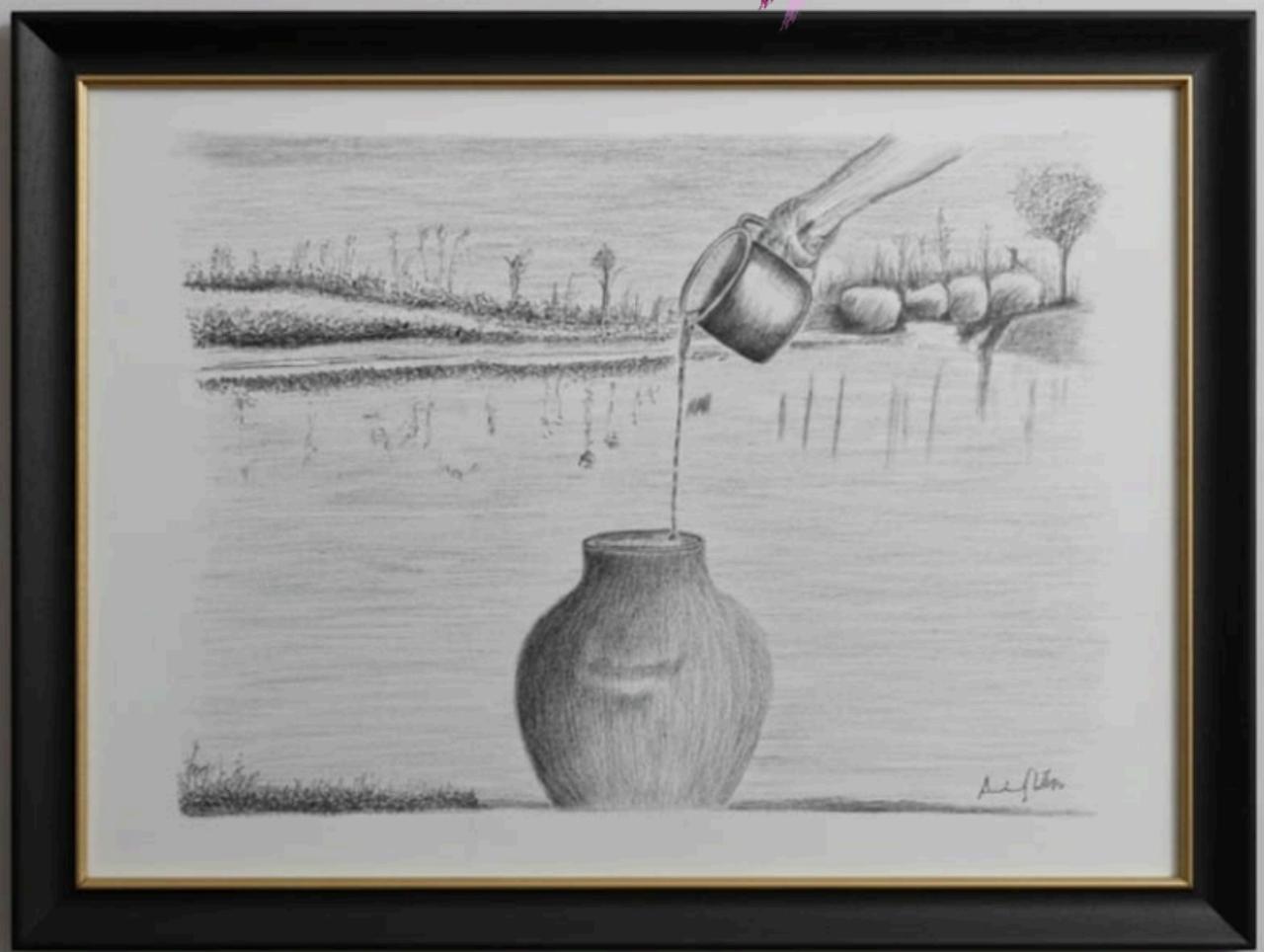
Ao observar o cadáver da amada, Egeu só conseguia fixar-se nos dentes dela. Isso fez com que afastasse convulsivamente daquele quarto e voltasse à biblioteca, onde passou por momentos ambíguos entre sonho e realidade. Despertado por um criado que o avisara que o túmulo da amada havia sido violado e ela teria sido assassinada, pois ainda vivia. Ao olhar para suas próprias roupas sujas de sangue; uma pá encostada na parede e uma caixa com instrumentos de cirurgia dentária sobre a mesa, ele gritou, saltou e ficou trêmulo.

Essa narrativa apresenta características da segunda geração romântica, pois a abordagem de temas macabros como loucura e morte; ambientes pitorescos são traços do mal do século que incluem escritores e poetas como Lord Byron (Inglaterra), Álvares de Azevedo (Brasil) e o próprio Edgar Poe (EUA).

Além de Berenice, as outras narrativas de Poe são leituras fascinantes que levam o leitor a conhecer ambientes arrepiantes, criados pelos vocábulos do gênio da ficção de mistério e terror da literatura americana... e universal.



José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor arariense. Colunista da Revista Sarau e Membro Fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC). Autor dos livros: “50 Sonetos”, “Reforma Agrária e o Boi Zebu e as Formigas: uma análise sociológica”, “Fantástico Mundo da Leitura”, “Veredas do Cordel” e “Retalhos do Tempo”; e coautor em algumas antologias.



Água
Grafite s/papel
Dim. 30x42

Amauri Flor
Artista visual
Catolé do Rocha-PB

DIVORCIADA

Gerlane Cavalcante

Estou divorciada. Esse é o meu estado civil no momento. Não aguentei o casamento. Sofri demais. Peguei minhas coisas e parti. O marido nem se importou. Com certeza não sente falta. Ele não perguntou aonde eu ia, nem se voltava, sequer olhou a porta quando fechei. Ele lá ficou no sofá. O mesmo que limpei várias vezes, que não pude sentar por um minuto.

Divorciada. Hoje estou livre. Aos filhos pago pensão alimentícia. É o mínimo. A mulher que dedica sua vida inteira ao casamento, ao marido e filhos, quando desperta dentro de si mesma se enche de coragem, encontra liberdade e luta para conquistar o mundo, o seu mundo.

Hoje eu sei que a felicidade não mora numa casa limpa, que não está no fundo de uma panela. A felicidade está na vida. Está em mim. É que me casei com o Mundo. Casei-me com o perverso Mundo.

Com muita facilidade ele assinou o divórcio. Realmente não faço falta. Hoje eu vivo liberta dos seus caprichos e vontades. Eu vivo a minha vida, como nunca vivi.

O Mundo fez-me sua escrava, serva dos seus anseios. Eu não vivi. No final do dia ele dava-me uma flor e achava que tal coisa compensava tudo. Uma flor, para ele, descontaria o sofrimento. Coitado dele. Ou de mim, que amei um Mundo que não existe. Eu amei o Mundo, amei de verdade o Mundo inexistente. Eu amei aquele que a mim apresentou-se. Antes do casamento ele fazia-me sonhar. A gente observava as estrelas e ele demonstrava amar-me, deixava-me livre. Eu acreditei. Sonhei. Amei.

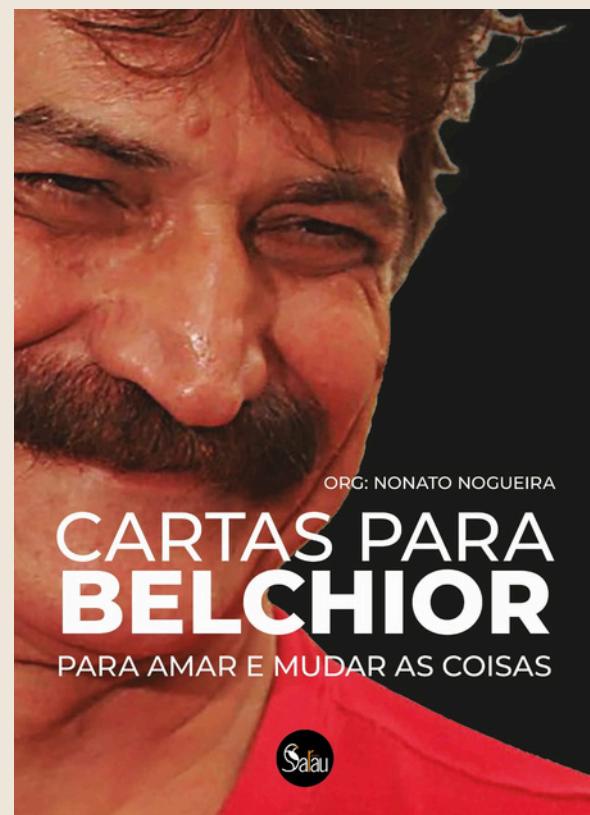
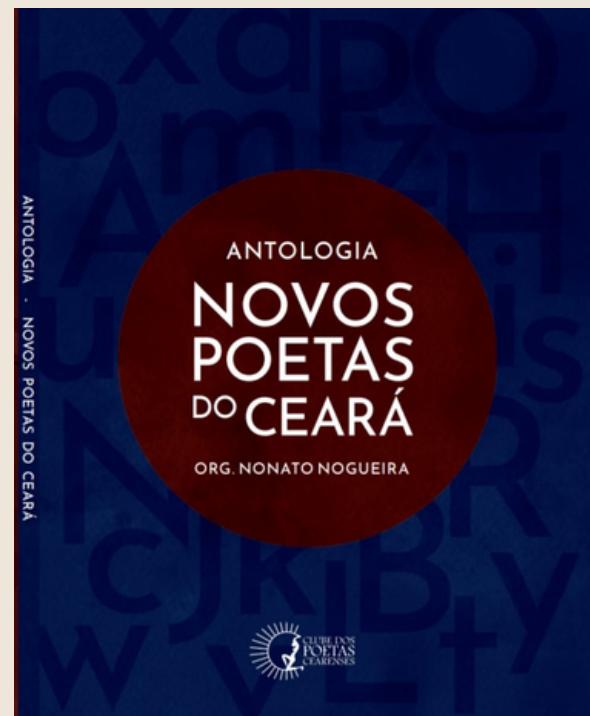
Hoje eu sei que apenas estive iludida. E não, não vale mais a pena. O que passou, foi. Mundo é Mundo. Hoje está procurando outras mulheres. Que homem!

Hoje meus filhos chegam precisando de afago. Perguntam-me muitas coisas. Mas não. Eu já não sinto mais nada. Estou nessa fase. Insensibilidade. Insensível. O Mundo deixou-me assim.

Tenho pena dos nossos filhos. Vivem brincando numa gangorra. Nossos filhos estão como bolinha de ping-pong. Os filhos: eles machucam-me por vezes, e em outras, dão-me alegria. Mas, não sinto nada. Só por mim. Estou divorciada. Livre. É uma pena que os filhos ainda nos unem. "Nossos". Apesar de não sentir mais nada, dói-me usar esse pronome possessivo. "Nossos".

Os filhos. Alguns são mais dele do que meus, outros mais meus. Estou divorciada. Livre.

Maria Gerlane Cavalcante – Psicóloga, contista e cronista campossalense. Técnica em Comércio pela Universidade Estadual do Ceará; Psicóloga, graduada pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, atua na área clínica, escolar e educacional. Atualmente, cursa especialização em Impactos da Violência na Escola pela Fundação Oswaldo Cruz e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Coautora em "Poetas e poesias" (2011) e "Somos Escritores: jovens que escrevem" (2019).



Adquira seu exemplar
(85) 9 88794891
Nonato Nogueira (Org.)

A POESIA DE SOPHIA JAMALI SOUFI



ÚLTIMO

Sophia Jamali Soufi

En el pecho no había nada
 Ningún vuelo
 Ningún latido
 Ningún tiempo para romperse
 Nos quedamos de pie
 Esperando una escotilla
 Una rendija de luz
 O quizás una palabra
 Que nunca fue escuchada ...
 Detrás de cada quietud
 Siempre estaba
 El siguiente muro
 Justo aquel muro que
 Se convirtió en soporte
 Y comprendimos
 Soporte
 Es otro nombre para caída
 Permíteme decir esto
 Éramos dos sombras
 En la negrura profunda
 Un toque bastó
 Para saber
 Que ninguna luz
 Nos encontraría jamás
 Nos convertimos en la parte de
 la oscuridad
 Para siempre...

**DESIERTO**

Sophia Jamali Soufi

En este entorno
 Ninguna luz me reconoce
 Yo y los recuerdos hervimos
 Ni mano
 Ni caricia
 Ni mirada que me dé sentido
 Esa misma ventana cansada
 Frente al callejón sin salida
 Que solo
 Conoce
 Las risas artificiales
 Yo en estos lados
 Mi imagen de pájaro
 Un ave que muchas veces
 Ha muerto y otra vez
 Abre sus alas ...
 Sin ningún temor
 A la caída
 El techo de la habitación
 Más pesado que una tumba
 Los alientos
 Que vienen y van
 Huelen a moho
 Y el espejo que
 Revela las heridas de mi rostro
 Más claras que cualquier sonrisa
 ¿Acaso la vida
 No es sino una herida profunda?
 Esta contemplación sin sentido
 De un amargo espectáculo?
 Respiramos
 Para otra vez
 Practicar
 A la muerte ...

**EL PASAJE**

Sophia Jamali Soufi

La noche, como tus manos
 Fría y huidiza
 Me quedé, y la espera
 Inmóvil
 Sin sonrisa
 Tal vez la oscuridad
 Era aniquilación, era ser y no ser
 Y la pesadez todavía
 Sobre los hombros
 Solo las paredes eran un apoyo
 Me quedé con pequeños miedos
 Las sombras se entrelazan
 Las esperanzas se entrelazan
 Mira el espejo
 Una chica solitaria
 Fija en las ventanas ciegas
 Gritó
 Un grito
 Ella sabía
 Que detrás de cada ventana
 Detrás de cada esperanza
 No hay
 Sino una oscuridad más grande ...
 Y no la habrá jamás ...



Sophia Jamali Soufi - Nascida em 2001/Rasht/Irã. Especialista em arquitetura/designer de moda e fundadora da marca de roupas Leo. Poeta e escritora iraniana. O idioma principal de seus poemas é o persa. Dois livros de seus poemas em persa foram publicados no Irã. Seus poemas foram traduzidos para espanhol, português, italiano, francês, inglês, alemão, turco e publicados em revistas e sites literários.

POESIA



ANDORINHA

Gerson Augusto Jr.

Andorinha vem de longe
Atravessando distâncias
Parece incansável
com suas asas acrobáticas
Passou bailando ao sopro do vento
Acolhendo apelos do entardecer
Seguindo o inevitável
 aceno do crepúsculo
Cumprindo destino
Encharcada de inverno
Gestando o verão
Ela passa,
 mas volta
Vida andorinha,
 passa para retornar

GERSON AUGUSTO JR. - nasceu em Fortaleza em 1966. É antropólogo e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Participou de coletâneas literárias e concursos de poesia. Teve seus poemas selecionados pelo Concurso Literário do Ideal Clube nos anos de 1998 e 2001.

MEIO-FIO

Clóvis Júnior

Tem um fio de queijo
Entre eu e o misto quente
Recém-mordido

Tem um fio de sangue
Entre o teu corpo e o teu filho
Recém-nascido

Tem um fio de saudade
Entre eu e o teu corpo
Recém-amado

Tem um fio de pedra
Entre a calçada e a rua
Recém-asfaltada

Tem um fio de esperança
Entre eu e a loucura
Recém-encontrada

Tem um fio de loucura
Entre eu e a razão
Recém-perdida



CLOVIS JÚNIOR é Bacharel em Ciências Econômicas formado pela Unifor - Universidade de Fortaleza, e nas horas vagas gosta de escrever poesias. É cantor, compositor e produtor. Tem um livro autobiográfico publicado, "Memórias do Tio Júnior" de 2017.

POESIA

GAIOLAS

Elcid Lemos

Passarinho na gaiola
Canta mais o peito chora
Porque não pode voar

Seu canto triste lamento
De dor e de sofrimento
Que dá pena escutar

É feito um amor deixado
Num peito aprisionado, doido pra se libertar
Esperando alguém surgir
Pra sua porta abrir
E ele em fim puder amar

Como pode um ser humano
Prender um ser tão pequeno
O seu vôo aprisionar
Isso é muito desumano
Pior que muito veneno
Que faz um canto calar

Deus criou os passarinhos
Deu asas e um lindo canto pro mundo inteiro em cantar
O homem criou gaiolas
Cortou asas jogou fora a chave do coração
Mandou a bondade embora
E por isso vive agora
Numa eterna prisão



ELCID LEMOS DE MOURA – cearense (Fortaleza). Cantor, compositor, cordelista. Herdou o talento do pai, um sertanejo apaixonado por repente e viola. Finalista no II Festival da Canção de Fortaleza (2019), com a canção Gonzagão não morreu. Gravou shows em 2021/2022 na TVDD/Festival Aralume/Casa de Vovó Dedé. Apresenta-se solo ou com o Trio SerTãoAmor.

AMOR SOLIDÁRIO

Manoel Fonsêca

Cada ofício é uma arte, cada pessoa é um artista,
Que se faz ponte e horizonte, que se faz luta e conquista,
Num arco-íris da paz que, às tempestades, resista.

No ofício de viver, cada dia é um aprendizado,
Não discriminar pessoas, por sua posse ou telhado,
Por sua forma de amar, sua crença, seu passado.

Praticar arte da escuta, em generosa atenção
Ao conteúdo da fala, do gesto, da expressão,
Acolher sem qualquer ódio, violência e opressão.

Prestar sempre aos vulneráveis um cuidado respeitoso,
Renovando a esperança, em tempo mais prazeroso,
Despertando a confiança, num abraço carinhoso.

Compartilhar os saberes com sincero altruísmo,
Sem dominar consciências, sem cavar nenhum abismo,
Construindo parcerias, em solidário humanismo.

Acolher o diferente sem nenhuma apartação,
Somos iguais, oh parceiro, na social condição,
Humanamente diversos, na vida somos irmãos.

Este poema de Manoel Fonseca, " Amor Solidário ", recebeu "Menção Honrosa" no 5º Festival de Poesia de Lisboa, encerrado no dia 23/10/2020 , cujo tema central foi R-EXISTIR e teve o objetivo de valorizar a Língua Portuguesa, alcançando integrantes da Comunidade Lusófona que gostam de poesia e se interessam em criá-la de diferentes modos, estilos e estéticas.



MANOEL DIAS DA FONSECA NETO – cearense (Quixadá). Médico Sanitarista. Mestre em Gerenciamento de Sistemas Locais de Saúde pelo Istituto di Sanità (Roma/Itália). Membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Associado ao Movimiento Poetas del Mundo, titular da Academia Quixadense de Letras e da Academia Cearense de Médicos Escritores.

POESIA

A QUEDA

Renato Bruno

Um acaso, uma fatalidade, um incidente,
 Ou mesmo um acidente, um pé preso num degrau,
 E uma queda da escada quase que fatal,
 Mas não fatal de morte e sim de uma parada quase que total;
 Num segundo, tudo escuro, piso escorregadio,
 Parecia cena de novela, coisa de filme,
 Sem efeitos especiais, e sim defeitos a mais, uma pequena falha na
 atenção
 O pé escorregou no degrau, o desequilíbrio foi inevitável,
 O passo ficou sem chão, a sensação de tudo ruir, sem opção
 O jeito foi com pé preso na torção, deixar o corpo cair.
 Sim, o corpo caiu, o pé uma bola ficou, a dor tomou de conta e
 Por fim tudo parou. Menos a dor, é óbvio.
 Neste instante o que parecia incidente, nada mais era que
 A Vida mostrando a duras penas que uma parada é obrigatória
 E não uma opção.
 Diante da dor o nosso desconhecido surge e mostra o quão
 Forte somos quando precisamos e o mais Forte ainda
 Quando necessitamos. Uma parada incidental, uma queda de poucos
 degraus,
 Mas que me fez rever e perceber que preciso parar
 Pois posso ser tudo, menos imortal.
 Uma parada por necessidade me fez ver momentos que
 Antes eram passados direto e agora entendido que não há
 Tempo de passar à limpo, pois, diante dos fatos
 A mesma sensação de não poder fazer nada,
 De não ter controle de nada, de parecer faltar tudo,
 Foi feita pela vida em uma queda covarde, mas que me trouxe de volta
 A entender o que de verdade é realidade.



RENATO BRUNO VIEIRA BARBOSA é natural de Fortaleza - CE, nasceu em 1985. Bacharel em Direito, Gestor em Tecnologia da Informação, Professor Universitário nos cursos de Direito, Gestão em T.I, Administração e Processos Gerenciais. Palestrante e Escritor com temas contemporâneos, cultivando a paixão pela poesia, música e teatro.



Foto: Divulgação

COM BAUDELAIRE

Sandra Fontenelle

A noite chegou.
 E com a noite, a insônia.
 E com a insônia, o livro.
 E com o livro, o deleite.
 Em outro século,
 Outro continente,
 Outro país,
 Outra cidade.
 Nas ruas, nos bares, nos bosques.
 Em outros sonhos,
 Outras desilusões.
 Com outra alma,
 Com Baudelaire.



SANDRA FONTENELLE é escritora, poeta e jornalista por formação.

POESIA

QUE TAL UM NATAL ESPECIAL?

Nádia Aguiar

Natal significa nascimento
Momento de celebrar o amor
Pode até enfeitar a árvore
Sem esquecermos da dor
De quem morreu numa cruz por nós
Oremos ao nosso salvador

Quero um Iphone!
Pede um filho com certeza
Quero um notebook da Apple!
Outro fala com firmeza
Pais estão cansados
Tempos difíceis! Que dureza!

Crianças só comem o que querem,
precisam estar antenados
são modernos da geração Z
Deixam os pais preocupados
A escola sempre renovando
Professores são esforçados

Adolescentes totalmente surdos
com seus fones de ouvido
Não tem mais diálogo com as famílias
Sabemos do perigo
A solução é fazer terapia
Atrás dos valores perdidos

Falaremos de futuro
Saber o que querem ser
Blogueiros e influencers
Profissões para enriquecer
Esquecem do simples
jovens começam adoecer

Mas o verdadeiro significado do natal
É amar o seu irmão
Valorizar a família
Ter mais união
Saber que o natal é todo dia
Sempre fazer uma boa ação

Nesse natal faça diferente
Esqueça notebook e celular
Sente na areia da praia
Pare um pouco para conversar
Abraça, beija e sorria
Melhor presente não há

Tem o famoso amigo secreto
Vou sugerir um presente
Para todos os gostos
Quem ganha logo sente
Uma emoção tão forte
E ainda fica mais inteligente

Esperamos o ano todo
Para reunião no natal
Todos falam em recomeço
O bem sempre vence o mal
Nessa era de tecnologia
Vamos pensar no nosso mental

Um presente como companhia
Viagem sem sair do lugar
Para passar o tempo feliz
Ideias para imaginar
Que tal um bom livro
Sabemos que todos vão amar.



NÁDIA AGUIAR - Atriz, professora, contadora de história, escritora de livros infanto-juvenis e Diretora Teatral. Suplente no Conselho Estadual de Cultura na área de Literatura. Ocupa a cadeira 24 na Academia de Letras de Itapipoca. Atualmente, escreveu, atuou e dirigiu a peça "Fuxicando Com Chico" (Sobre vida e obra de Chico Anysio). Escreveu e publicou pelo PAIC com o livro infantil A Vassoura Mágica e A Fada Encantada (2008), e "QUEM É O REI DOS ANIMAIS?"(2022). Na bienal de 2019 em Fortaleza, lançou a coleção sobre Meio Ambiente, APRENDENDO A CUIDAR DO MUNDO. E em 2024, pela LPG- Caucaia: " A VAQUINHA BUMBÁ". Em 2024 e 2025 participou das coletâneas: Felicidade 2.4 (Ed. Illuminare); Contos de Natal (Ed. Contos Livres); Cartas para Belchior (Sarau); Entre Brinquedos, Bichos e Amigos (Ed. Karuá); Vozes dos três climas (ALITA).

TOCA O CÉU

Mariv Dorta

O poeta é criança
Prefere a infância
Ao talante de crescer.

O poeta é o grande mensageiro,
Canta a dor, toca e faz a festa.
É boca, é encantado da floresta.

Falam com os ventos,
Voam com as nuvens,
Os seus sentimentos.

Grita, faz escarcéu
Nota mais afinada,
Ganha o mundo e toca o céu.

Mariv Dorta - Jaboatão dos Guararapes-PE - membro do Projeto Artes e Serenata de Olinda, poeta, pintora, baterista, fotografa, circula o Brasil com o esposo, em um trailer "Pé de Mundo", nome também de seu canal no YouTube.



E Teatro de
Expressões

POESIA

O QUE FAZ O ESCRITOR PARA SEU SUSTENTO?

Rafa Chagas

Escreve.

Porque seu corpo também precisa de palavras
e sua mente, sua alma, não vivem sem a nutrição de
histórias narradas.

Então, segue o escritor a vagar, embora nunca solitário,
pois em si vão personagens que podiam muito bem não
ter nada de reais,
o que não os faz, de todo, inventados.

Ao cruzar praças, bares, tabernas, o operário das
palavras diverte,
apazigua, entretém, comenta, extrapola, desculpa-se e
se reescreve
sobre a já escrita história de seus dias, sua vida,
delinque sonhos em papéis cruzados por entrelinhas,
amansando a sanha do animal mais bravio a pisar
neste mundo:

aquele que escreve o que nunca foi contado,
que caminha onde poucos se encorajam,
que se enxerga cria da própria criação.

Assim luta o escritor,
de dia, a fome que boca alguma consegue expressar;
de noite, uma sonolência que não faz dormir, e sim
despertar,
e lá fora as histórias que ele ainda insiste em contar,
apesar da palavra demorar um tanto mais até que
venha inspirar,
pois o corpo que era forte, um dia entranha-se nas
dores de um silêncio que nem o escritor,
no alto do seu voo,
consegue narrar.



Rafa Chagas graduado em Letras/Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Especialista em Linguística e Literatura pela (UEPA/DOM ALBERTO). Em 2011 publicou seu primeiro conto, "Crime perfeito", publicado na II Antologia PROEX/UFPA DE POESIA, CONTOS E CRÔNICAS. É autor do livro "As últimas folhas do diário", editora folheando, 2021.

SOBRE O CORPO

Nonato Nogueira

o corpo
que não é corpo
é desumano

o corpo
que não é vida
é morte

a vida
passa depressa
pelo corpo

a morte em vida
rouba o corpo
corpo inseguro
porto seguro
(eterna loucura)
o corpo é vida
cabeça
tronco
membros
paixão desmedida



NONATO NOGUEIRA – É natural de Fortaleza-CE. É professor de História, Filosofia. Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Escreve poemas e crônicas. Seu último trabalho é o livro de poemas filosóficos *A solidão de Nietzsche*, publicado pela Caravana Grupo Editorial em 2023 e *O homem que morava dentro de si*, produção independente (2024). Contato (85) 988794891 - Instagram: @nonatonogueira45

POESIA

BENDITA ÁGUA QUE NÃO PODE SER PRIVATIZADA

Elias José

Há muita água sob apropriada indébita nestes rincões dos sertões
 Há muita água desperdiçada em todas as regiões
 Há chuva e há seca
 Escassez e alagamentos
 Natureza que pune pelos desequilíbrios provocados
 Mas a água é sagrada!
 Não pode ser privatizada!

Bendita é a água que sacia a sede
 Que hidrata
 Que encharca o chão
 Que enche o pote
 Que jorra da cachoeira
 Que esbarra na barragem
 Que não falta na torneira
 Que nos limpa e nos sacia

Bendita é a água potável de cada dia
 assim como a água do ventre materno
 Que fecunda a semente humana
 Gerando vida na gratuidade do amor
 A água que consumimos não pode ser mercadoria
 Exposta na vitrine da insensatez neoliberal

É o mais precioso bem público
 É fonte de vida
 É setenta por cento do nosso corpo
 É essência
 É saúde
 É líquido precioso e sagrado

Privatizar a água é o mesmo que deliberar pelo rompimento das barragens
 É o mesmo que contaminar os nossos rios e açudes
 É Mariana em toda parte
 É Brumadinho em toda parte
 É axaurir a vida
 É promover a sede do lucro
 E submeter as populações à perversão social

Sujeitar o acesso a lógica do mercado
 É criar mais uma categoria de miseráveis
 A categoria dos “sem água”
 Que somada aos sem moradia e sem emprego representa uma fusão sem volta
 A fusão dos sem vida!

Na Terra de Madiã
 Moisés encontrou um poço de água pura
 Descanso
 Uma família e carinho
 O povo que era escravo no Egito
 Viu pelo milagre as águas se abrindo
 E fazendo um caminho para a liberdade
 No Rio Jordão o povo viu Jesus ser
 batizado por João Batista
 Água como síntese do encontro humano-
 divino
 A água pública do Rio Jordão
 A vida pública de Jesus em missão
 Numa festa de casamento faltou vinho
 Mas havia água pura e um convidado
 especial
 E o milagre do vinho se fez...
 No mar da Galiléia Jesus lançava as redes
 e andava sobre as águas...
 No poço de Jacó que era público Jesus
 usou a mística da água para dialogar com
 a mulher samaritana sofredora...

Água é a grande mística simbólica e
 concreta da fé e da vida
 De todos os povos e épocas
 Reúne simbologias e ritos de todos os
 credos
 De todas as culturas
 Essência que banha a fé
 Essência de sustentação de todas as
 forma de vida

Submetê-la aos interesses do capital seria
 substituir o simbólico pelo diabólico!

Bendita água que não pode ser
 privatizada!



Elias José - Educador popular, poeta,
 compositor e terapeuta

POESIA

ENTRE OLHARES E CACHOS: MINHA PAIXÃO SILENCIOSA

Francisco Hélio Mota da Silva

Domingo

Te vi de novo,
minha doce cacheada.
Estava tão linda...
que as palavras desapareceram.
Como eu amo aquela cacheada
mas a timidez e o medo
não me deixam me aproximar
da minha amada.

Segunda-feira

Te olhei,
e você me olhou.
Tão linda naquela roupa,
meu futuro amor.

Terça-feira

Te observei,
e você me observou.
Que batom lindo,
Minhafutura cacheada.

Quarta-feira

Te notei,
e você me notou.
As palavras faltaram...
Mas você estava ali,
com aquele sorriso calmo
e os cachos dançando no vento,
minha doce cacheada,
minha futura namorada.

Quinta-feira

Sentei à sua frente,
minha querida cacheada.
Que doçura na sua presença,
que leveza nos seus gestos
tinha que ser minha eterna amada.

Sexta-feira

Tentei dizer “boa noite”
para minha doce cacheada,
mas as palavras sumiram,
nada saiu.
Por que você tem que ser tão única,
tão bela,
tão... cacheada?

Sábado

Não te vi,
minha querida cacheada.
E o coração, sem seu brilho,
ficou vazio.

Cadê Você, Minha Cacheada?

O tempo...
traz ela de volta.
Quero tanto ver aquele sorriso.

Tempo, cadê você?

Por que não me atende?
Por que sumiu do nada?
Preciso vê-la,
preciso dizer
que a amo.

Ela é a mais linda entre tantas,
tão doce,
tão meiga,
tão delicada,
tão bela,
e tão cacheada.

Mas minha futura cacheada
sumiu...

Cadê você,
que não te vejo na igreja,
nem na faculdade?

Como eu queria te dizer
que te amo,
minha futura namorada cacheada.



Francisco Hélio Mota da Silva - É estudante do curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), atuando também como pesquisador e poeta.

POESIA

A DOR DA SAUDADE

Jasmine Gonçalves

Você vai e segue em frente
Eu fico e sofro a separação,
Enquanto eu sofro calada
Você parte meu coração,
A dor dessa nossa saudade
Me trata com severidade
Fingir agora é em vão.

Você me virou as costas
Seguiu e não perguntou,
Porque apenas te deixei
Você nunca questionou,
Apenas aceitou a ida
Observou minha partida
Talvez nunca me amou.

Entre risos e fingimentos
Ainda sigo aqui a sofrer,
Eu não vejo uma solução
Sinto a dor de morrer,
A dor dessa nossa saudade
Me mostrou a verdade
Não consigo te esquecer.

A dor dessa nossa saudade
Me prendeu no que passou,
Eu choro todas as noites
Pensando porque acabou,
Eu não apenas te deixei
Apenas vejo onde errei
Nossa história terminou.
Guarda contigo as palavras
Momentos meu sorriso,
Vou sempre me lembrar
Do beijo que eu preciso,
A dor dessa nossa saudade
Me largou na eternidade
Amei sem nenhum aviso.

Jasmine Gonçalves – Cronista iniciante e poeta campossalense. Estudante de Ciências Contábeis na Instituição Anhanguera. Coautora em “Vestígios de Amor” (poemas, 2021) e “Sempre choro de saudade na noite de São João” (literatura de cordel, 2020).

CANTO

Leide Freitas

Nada é tão importante
Quanto os afetos
Alegria a bailar no peito
Felicidade é sempre a meta

Nada é tão importante
Que não se possa parar alguns instantes
Para apreciar a vida

Apreciar as borboletas dos jardins
Ouvir o canto dos pássaros
Contemplar o pôr do sol

Apreciar o instante primeiro
Do nascimento da lua
E do brilho suave das estrelas

É para ser feliz que canto.



LEIDE FREITAS. Cearense. Capistrano-Ce. É membro do Coletivo Escrevientes, Mulherio das Letras Ceará e Poexistência. Obras: Reflexões íntimas - 2023 (Caravana), A casa da colina e o mistério dos jovens desaparecidos - 2023 (Amazon) e O Tempo é Mulher-2024 (Amazon), Em tempos de pandemia - 2021 (Amazon) e O Diário de Sabrina - 2018 (SEDUC-CE). Instagram: @leidefreitas.escritora.

POESIA

A CASINHA PEQUENA DO SERTÃO

Ruth Ibiapino

Do café sinto cheiro bem torrado
No coador feito de pano de mainha
Comer ovo misturado da farinha
Coalhada de leite de gado
De um pote de barro todo soado
Pelo frio da água da biqueira
Do rebanho comendo na cocheira
O farelo já junto da silagem
Pai tirar na vazante da barragem
O capim pra passar na forrageira

Nossa mesa era feita de madeira
Revestida com mar de alimento
Suspirando o chão de cimento
Que causada foi por uma goteira
Lembro a água fervendo na chaleira
Velha porta com trava de trameira
E um ferro a brasa na janela
Rádio a pilha, também o lampião
Uma cacimba, uma lata e um pilão
Um gibão, um chicote e uma boa sela

O carvão enfeitando a panela
Com a lenha queimando no fogão
Da buchada já feita com pirão
E do molho cozinhado da costela
Queijo bom escorrendo na gamela
Pra comer junto da goiabada
Gosto forte da boa maxixada
Melancia já direto do roçado
E o cheiro tão bom e bem temperado
Da galinha no fogo bem guisada

Mas daquela paisagem tão bela
Fecho os olhos, me vem recordação
Da casinha pequena do sertão
Da qual sinto saudade dela
Sol passando na tábua da cancela
Vai partindo no palco do céu
Se despede do canto do tetéu
Bem util, ainda sendo paciente
Enfeitando de cores o poente
E nos dando a beleza de troféu.

JESUS PASSAR NA RUA

Ruth Ibiapino

Foi chegando um homem mal vestido
E lhe olhando eu pude perceber
Tantos foram que acharam ser bandido
Quem apenas pedia o que comer

No seu rosto sentia entristecido
Pelo olhar que fingia ele não ver
Todo não que lhe era respondido
Lhe deixava sem ter o que dizer

Hoje eu vi meu Jesus passar na rua
A abraçar tanta alma que era nua
De uma gente com roupa bem vestida

Pude ver meu Jesus em um mendigo
Que pedia somente por abrigo
Suplicando as almas sem ter vida.

Ruth Ibiapino, poetisa e cordelista, da cidade de São João do Tigre-PB. Desde os 12 anos, expresso minha paixão pela poesia, que se transformou em uma carreira literária rica e diversificada. Atualmente, graduanda em Química Industrial pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Com mais de 20 obras de cordel publicadas, suas criações alcançam leitores em mais de 50 países. Ruth também teve a honra de participar de uma coletânea que une vozes do Brasil e de Portugal. No momento, está desenvolvendo um projeto em colaboração com a Casa da Paz da África, evidenciando seu compromisso com a Arte e a Cultura.



POESIA

QUEM É VOCÊ?

Maria Vandi

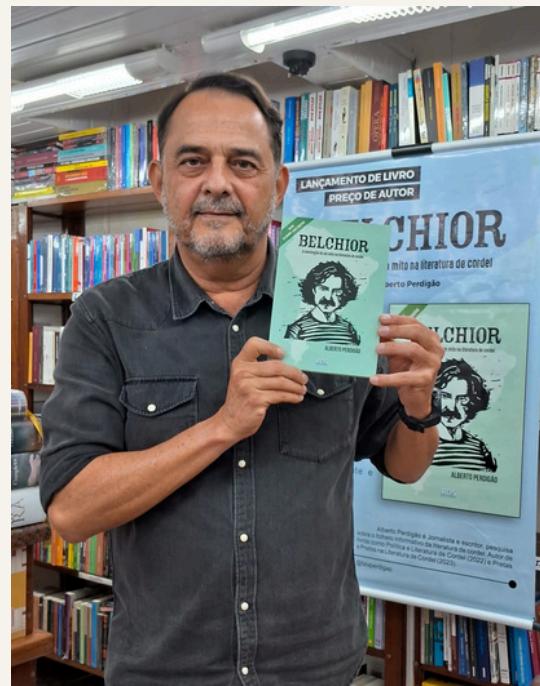
Quem é você que foi criada
Se veste de diferentes roupagens
Está contida no conjunto do universo humano?
Quem é você, que como fera, sabe magoar, ferir e até
matar?
Quem é você que quando exuberante recebe aplausos?
Quando simples, suave, sabe cativar
Sabe adoçar a vida de quem amargurado está?
Quem é você que fortalece, que enfraquece?
Quem é você que tem o poder de excluir a bondade, e
ativar o mal?
Quem é você que como lobo voraz tem o poder de odiar.
Quem é você que como anjo de bondade condiciona às
pessoas a fazerem o bem?
Quem é você que poderosa faz plantar nos homens, a
semente do amor?

Sei que você é como andarilho
Não se prende a ninguém
Prefere ser acessível a todos

Sem discriminação de raça, cultura, religião.
Sei que você é poderosa
Tem o poder se persuadir, encantar, alegrar
Faz também chorar, machucar, dilacerar
Tem poder de incentivar a paz e o amor, as intrigas, as
guerras.

Você é como anjos. Às vezes como demônios
Por favor quem é você?

Sou o tesouro dos homens
Sem mim eles nada fariam
Sou uma fada poderosa,
No entanto, sou também submissa aos sentimentos
De quem me escreve ou me pronuncia.
Eu sou a humildade.
Eu sou a célebre Palavra.



Adquira seu exemplar

(85) 999898639

Jornalista Alberto Perdigão



MARIA VANDI DA SILVA TEIXEIRA (Maria Vandi) é natural de Acarape, Ce. Radicada em Fortaleza. Graduada em Letras. Especialista em Língua Portuguesa e suas literaturas. Livros publicados: "No Voar do Tempo" (poesias) em 2019, e "Poetizando Espinhos e Flores" em 2025 (Poesias). Faz parte de várias coletâneas, na Argentina, Portugal e Brasil. Pertence ao Mulherio das Letras Ceará e ao Clube dos Poetas Cearenses.

ARTE VISUAL



Povoado Sobradinho em Barreirinhas-MA

Adilson Cabral

Engenheiro e fotógrafo, Natural de Rio Formoso, PE

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO NA PRODUÇÃO DE DIORAMAS

Vinícius Silvério Barreto de Souza

Diorama é um cenário em miniatura criado para representar cenas da realidade (como os fatos cotidianos), de obras da ficção (como os filmes, desenhos e séries) ou da imaginação – podendo, neste último caso, mesclar tanto elementos reais quanto fictícios. Existem vários tipos de dioramas, que se distinguem, por exemplo, de acordo com a escala em que são produzidos ou o ambiente que representam, como praia, rua, laboratório, galpão etc. A produção desses cenários, como toda atividade artística, envolve diversas habilidades e competências.

É importante saber pintar, esculpir e executar outras tarefas semelhantes para desenvolver bem a arte discutida; no entanto, as habilidades requeridas não são apenas técnicas. As capacidades cognitivas, como o planejamento e a resolução de problemas, e emocionais, como a paciência e a resiliência, também desempenham um papel fundamental. Não obstante, para delimitar a discussão, este texto tem como foco abordar o planejamento. Esta habilidade, por vezes entendida como competência, é relevante para a produção de dioramas na medida em que possibilita organizá-la por meio de suas condições principais – objetivo, espaço de trabalho, materiais e ferramentas, fontes de referência e cronograma de atividades –, evitando, dessa forma, que ela se desenvolva aleatoriamente.

Definir um objetivo, na maioria dos casos, implica considerar os motivos que levam alguém a fazer um diorama. Algumas pessoas buscam fazê-lo porque querem tirar fotografias de brinquedos, isto é, praticar a Toy photography, uma arte para a qual os cenários em miniatura são importantes. Outras, entretanto, produzem tais composições para fins educativos, como apresentações em museus e escolas. Portanto, as razões para a criação de dioramas variam de acordo com objetivos pessoais, institucionais ou grupais. Contudo, o objetivo a ser colocado em um planejamento é sempre a definição de um cenário relacionado às motivações citadas – por exemplo, a floresta amazônica, para quem pretende lecionar Biologia.

Vinícius Silvério Barreto de Souza é um pesquisador e miniaturista nascido em Icapuí-CE. É graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: filosofiavsbs18@gmail.com.

A escolha do espaço de trabalho, entre os critérios que ajudam a efetuá-la, é um processo semelhante ao realizado pelos pintores quando constituem um ateliê. Alguns artistas dispõem de um ambiente exclusivo para a criação de dioramas; outros, muitas vezes pela falta deste espaço, realizam suas atividades em algum compartimento de casa, como uma sala ou um quarto. O importante, em todo caso, é estabelecer um local de trabalho adequado para a alocação e o uso de certos materiais, com clima agradável, boa iluminação e mínimas possibilidades de perturbação.

A lista de recursos físicos relacionada à criação de dioramas é, em certo sentido, inumerável, já que, nessa arte, parece não haver limite na quantidade de materiais que podem ser utilizados. A importância de cada material varia de acordo com o projeto que se pretende executar. Mesmo assim, entre os mais recorrentes, destacam-se o papelão e a cola, que são amplamente usados devido à versatilidade de ambos. Já em relação às ferramentas, sobressaem o estilete, a régua e a caneta, por conta da precisão que esses instrumentos proporcionam nos cortes e medidas de quase todas as produções de dioramas. É importante frisar que as matérias-primas utilizáveis vão além dos tradicionais recursos comprados em papelarias, englobando também objetos recicláveis, como o plástico, o metal de sucatas, as embalagens de produtos atóxicos e outros materiais normalmente jogados no lixo.

Sobre as fontes de referência, o recomendado é procurar criações semelhantes ao cenário definido como objetivo, que sirvam como inspirações. Nesse sentido, aparecem os trabalhos de miniaturistas, toy photographers, entre outros “dioramistas” que podem ser encontrados em redes sociais, como o Instagram e o Pinterest, ou em sites de colecionismo, como o Figure Realm.

Por fim, após a definição dos quatro primeiros aspectos do planejamento, é essencial elaborar um cronograma de atividades. Este elemento – que pode ser manuscrito ou digitado – deve organizar as etapas da produção do diorama de forma lógica e realista, considerando o tempo disponível, as condições ambientais e os recursos utilizados, para garantir um fluxo contínuo e eficiente do processo criativo. Com efeito, tendo em vista a produtividade, é pertinente, neste momento de definição da sequência de tarefas, pensar em datas, horários e imprevistos.

Planejar um diorama é, resumidamente, uma forma de dar sentido e ordenamento à criação artística. Assim, objetivo, espaço, materiais, referências e cronograma guiam de maneira precisa, mas não totalizante. Outras condições de produção, como o orçamento, podem complementar o planejamento, ainda que de modo secundário. O importante, no geral, é ter uma visão orientadora.

PERSONAGENS DEFICIENTES VISUAIS NAS LITERATURAS

Raimundo Campos Filho (UFMA)
e Renata Barcellos (BarcellArtes)

O presente texto visa apresentar como as pessoas com deficiência visuais são retratadas nas literaturas afro-brasileiras e indígenas ao longo do tempo. Vale ressaltarmos que o mais antigo documento que menciona a cegueira é o Papiro de Ebers, escrito no Egito (1.553 – 1.550 a.C).

Jacob Twersky (pesquisador com deficiência visual) dividiu sua investigação sobre a representação de PDVs nas literaturas em quatro períodos. O primeiro contempla desde o Velho Testamento (Bíblia relata a história de Tobias, que ficou cego devido a uma doença após cobrir os olhos com fezes de andorinha, sendo posteriormente curado por um anjo no livro de Tobias, que faz parte dos livros deutero-canônicos. No Novo Testamento, há o caso de Saulo (Paulo) que ficou cego temporariamente após um encontro com Jesus na estrada para Damasco, e o cego Bartimeu, curado por Jesus perto de Jericó) até as obras lançadas no ano de 1784.

Segundo é de 1784 (que abrange o início da primeira escola para cegos em Paris, fundada por Valentin Haüy) até o ano de 1873 (um momento de ampliação do sistema Braille). O terceiro, de 1873 a 1914 (um tempo de iniciação dos programas de reabilitação para 37 soldados cegos americanos). Exemplos:

Nas Literaturas Brasileiras, no poema Indianista "I – Juca Pirama", de Gonçalves Dias (publicado em 1851), o pai de I-Juca Pirama é cego, velho e doente. O que leva o guerreiro tupi a implorar sua libertação aos timbiras. A condição do pai é um fator crucial para o chefe timbira concordar em soltá-lo, embora I-Juca Pirama prometa voltar para ser sacrificado após a morte do pai.

O conto As Estrelas do Cego, de João da Câmara, 1900. O cego era um velho corcovado, trêmulo, com a face cheia de rugas cruzadas, como um pedaço de papel amachucado. O Conto A cega, de Viriato Corrêa, está no seu primeiro livro Minaretes, 1902. O conto A Caolha, de Júlia Lopes de Almeida, publicado em 1903. Trata-se da história de um filho, Antonico, e sua mãe que perdeu um olho. O filho sente vergonha da mãe, sofrendo bullying devido à sua deficiência. Após tentar se afastar dela para se casar, ele descobre que a mãe foi cegada por ele quando criança, num acidente com um garfo, o que leva à sua reviravolta e ao desmaio de Antonico. E o último é de 1914 até a publicação da pesquisa, em 1955, de Jacob Twersky.

Exemplos são as obras: Apólogo brasileiro sem véu de alegoria, de António de Alcântara Machado (de 1936 - no livro *Mana Maria e contos avulsos*) – onde o personagem com deficiência visual é flautista. A autora chama atenção para o lugar-comum da associação entre cegueira e dons musicais, lembrando ao leitor que a deficiência não gera nenhum talento ou aptidão especial. Infância, de Graciliano Ramos (de 1945 - narra memórias do autor, e a sua condição de criança cega é uma memória real e significativa, que moldou sua introspecção e sua relação com o mundo).

São Marcos, de Guimarães Rosa (de 1946 - o protagonista e narrador Izé fica temporariamente cego, perdendo a visão após zombiar do feiticeiro João Mangolô. A cegueira é provocada por um vodu, mas Izé recupera a visão ao rezar a oração de São Marcos e se aproximar da casa do feiticeiro, que retira a venda de um boneco, simbolizando a libertação do protagonista da maldição).

A partir desta divisão do pesquisador Jacob Twersky, investigamos obras a partir da terceira fase do Modernismo. Neste período, há As cores, de Orígenes Lessa (de 1960 - da coletânea intitulada Balbino, homem do mar. A personagem Maria Alice é a única cega. Ela é a figura central da narrativa, que aborda o drama de uma pessoa que perdeu a visão, um tema que a obra explora de maneira irônica, uma vez que o conto se chama "As Cores") – onde a pesquisadora afirma que a personagem é representada como se pertencesse a um mundo limitado pelo fato de ter uma deficiência.

E o conto Em "Amor", conto Amor de Clarice Lispector (1960). Neste, o cego mascando chiclete é o elemento que causa uma epifania na personagem Ana. Embora não seja um personagem principal no sentido tradicional, a figura do cego funciona como um gatilho para a crise interior de Ana. Revelando a ela a crueza da vida e o contraste entre a sua existência mecanizada e a realidade pulsante.

O conto A Estrela Branca, publicado em Mistérios de Lygia Fagundes Telles, 1980 e, depois em Um Coração Ardente, 2012. Neste, a escritora arra um transplante de olhos que devolve a visão a um cego, mas não o controle sobre a percepção que passa a ter, explorando a dualidade entre o que se vê e o que se "enxerga", e como a memória e a subjetividade moldam a realidade.

E, na contemporaneidade, podemos citar: nas Literaturas Brasileiras: Até que a morte nos separe, de Ana Teresa Pereira, 2000. Esta revela a história de um inspector da polícia assombrado por ter morto, num fogo cruzado, um inocente professor de literatura, acabando por ter um caso com uma jovem misteriosa, com quem casa e leva a morar com a sua filha cega. A filha morre e o segredo da jovem esposa é revelado. A personagem Dorinha, da Turma da Mônica, foi criada por Mauricio de Sousa, 2004. Ela foi inspirada na educadora Dorina Nowill e sua criação teve como objetivo sensibilizar as crianças para a questão da deficiência visual.

Eternidade e o Desejo, de Inês Pedrosa (2008) narra a história de Clara, uma jovem professora portuguesa que decide voltar a Salvador anos após uma terrível experiência na cidade - ao tentar salvar das balas o homem que amava, levou um tiro que a deixou cega.

O grande desafio, de Pedro Bandeira (Moderna, 2016) narra a história de Toni, um garoto bonito e inteligente, que leva uma vida quase normal apesar de ser cego. Com muita coragem ele enfrenta os obstáculos sem nunca desistir. Essa determinação será fundamental para que ajude Carla sua paixão a livrar o pai de uma trama cruel.

Olhando com Ritinha (de Sharlene Serra, 2018) narra a história de Ritinha (uma garotinha deficiente visual) que nos faz entender a sua forma de ver e perceber o mundo à sua volta. Fala dos recursos principais para sua aprendizagem e nos apresenta as combinações do Braile, sistema de leitura e escrita tátil. Uma história que nos faz acreditar ser a inclusão algo possível.

"O Cego" de Geovani Martins (publicado em 2018) é um dos contos da coletânea O Sol na Cabeça. Embora não tenha um pai cego como personagem principal, trata da cegueira e de sua interpretação, aborda a cegueira em sua narrativa e a figura de um narrador que acompanha uma personagem.

A Cega Era Eu de Eliane Brum, 2019. É um texto que narra a experiência da autora de se tornar cega ao encontrar um cego, Leniro, e como essa vivência a levou a explorar o universo dos deficientes visuais, questionando preconceitos e compreendendo o mundo por outras perspectivas, especialmente através da tecnologia e da leitura de um outro.

Nas Literaturas Africanas, o conto A MAKÁ DA VELHA SAMBA de Beni Dya Mbaxi, do livro Quando Não Olhas Para Trás, 2018.

Nas Literaturas Indígenas, o Velho Cego, um personagem que surge nos mitos Krahó, é discutido a sua relação com o surgimento do homem branco. Sua narrativa serve para refletir sobre a oposição entre meninos e a sociedade, e a consequente perda de sua inocência.

O protagonista do livro O Olho Bom do Menino (publicado em 2007 pela Editora Brinque-Book), de Daniel Munduruku, é o garoto Theo Luís, um garoto que perdeu a visão durante a infância. Ele desenvolve um "olho interno" para enxergar a essência das pessoas.

O solo autobiográfico "Azira'i" da Zahy Tentehar aborda sua relação com a mãe, Azira'i Tentehar, a primeira mulher pajé de sua aldeia, Cana Brava (MA). A mãe foi cega e, no espetáculo, Zahy a celebra e discute o aculturamento e as violências sofridas pelos povos indígenas. Ganhou o último Prêmio Shell de melhor atriz de teatro no Rio. De acordo com Zahy, a mãe "era cega e fazia piada sobre isso. Dizia: 'estou enxergando tudo'. Ela tinha uma sensibilidade muito grande, eu busco isso também, e isso me ajudou a desenvolver habilidades artísticas".

No estudo Quarenta anos retratando a deficiência: enquadres e enfoques da literatura infantojuvenil brasileira de Barros, 2015, a pesquisadora debruçou-se sobre 150 livros infantis, editados nas últimas décadas. A autora constatou que, no mercado editorial brasileiro, tem ocorrido uma crescente publicação de livros que têm como tema a diferença e, especificamente, as deficiências. Ela observou que, nos livros publicados entre as décadas de 1970 e 1980, a deficiência visual é a segunda mais retratada, já a deficiência física está em primeiro lugar.

De acordo com Glauco Mattoso (poeta, ficcionista, estichólogo e philólogo. É membro benemérito da Academia Brasileira de Sonnettistas – ABRASSO...), "à parte a lenda de Homero, o caso mais emblemático é o de Sansão, personagem assumido por John Milton em SANSÃO AGONISTA, já sob uma perspectiva masochista mas ainda camuflado de christianismo piedoso. Retomei o personagem já na perspectiva SM explícita no ciclo SÃO SANSÃO, SANCTA DALILAH, além de me identificar com a figura do cego victimizado por normovisuaes sadicos em vários outros poemas e contos. Tudo fiel à minha biographia de deficiente bullyingado desde a infância". Vale destacarmos o trabalho realizado pela amiga Dinorá Couto Cançado (fundadora e presidente da AIAB- Academia Inclusiva de Autores Brasilienses – Blog: <https://aiabbrasilia.blogspot.com>). A seguir, entrevista:

1. A Biblioteca Braille Dorina Nowill foi fundada 1995. Está completando 30 anos. Qual é a contribuição social? O que motivou a fundação? Dinorá Couto Cançado: Casos impactantes demonstram o número de resultados obtidos com a existência dessa Biblioteca Pública Braille, a única no DF, onde a maioria do seu público alvo compõe-se de pessoas adultas, onde o resgate da autoestima abalada pela perda da visão é o mais urgente entre os frequentadores que voltam a ter uma vida com mais dignidade. Estudam, trabalham e vivem com mais cidadania. A motivação para a criação da mesma se deu pela chegada de duas pessoas com deficiência visual (PcDV) e cerca de 2 mil livros em Braille à cidade, precisando de um local que que resolvesse de forma adequada à necessidade desse público especial. A solução foi a criação da Biblioteca.

2. Como é realizado o Projeto Luz & Autor em Braille? Também completando 30 anos? Dinorá Couto Cançado: Nascido junto com a Biblioteca para a dinamização desse espaço recém-inaugurado, consiste na integração de escritores brasilienses à PcDV que leem a obra acessível do autor que é seu par e cria a sua produção literária, portanto ambos são Autores em Braille. Com isso, acabamos de ganhar um recorde mundial oficial do maior número de produções publicadas de PcDV. Esse projeto, com 22 anos, deu origem a uma Academia Inclusiva.

3. Ano também de comemoração dos 8 anos da AIAB, a primeira e única inclusiva. Quais são os projetos para este ano? Dinorá Couto Cançado: A ampliação do número de membros titulares, beneméritos e correspondentes é uma meta contínua levada adiante com a execução de vários projetos ao ano. O 1º deles é o Carnalivro, que é um movimento social, inclusivo e cultural que une a literatura ao carnaval e outras artes integradas. Também a celebração das principais semanas nacionais (Museus, Arquivos, Primavera...) mas o que dura quase o ano todo é o PIEI: Prêmio Internacional de Espírito Inclusivo que mantém a mesma característica do projeto inicial da Biblioteca: duplas concorrem, sendo uma pessoas vidente par com uma pessoa com deficiência visual, resultando na produção de textos e num reconhecimento público certificado. Várias outras ações que surgem, como oficinas, rodas, jornadas.



EDILUAL

Editora Lucarocas

(85) 99998.3943

editoraedilual@gmail.com

www.edilual.com.br



FOTO: Campos - Renata - Dinorá - Sharlene Serra

Vale dizer que sou (Barcellos) membro da AIAB e participo da bela iniciativa do PIEI: Prêmio Internacional de Espírito Inclusivo.

Para finalizarmos, vale ressaltarmos que, ao longo desta pesquisa, pudemos constatar que tanto Júlia Lopes de Almeida e Viriato Corrêa também foram precursores da Literatura Infantil (leia mais em <https://www.facetubes.com.br/noticia/6674/literatura-infanto-juvenil-precursores-e-primeira-biblioteca-publica-do-brasil>). Você, leitor e ou professor de literaturas, tinha conhecimento disso? Urge a historiografia das literaturas ser reescrita, a fim de reconhecer quem (de fato) contribuiu com as diversas literaturas.

Pesquisa inédita sobre personagens deficientes visuais nas literaturas afro-brasileiras indígenas

Nordestinhados a Ler

ARTE VISUAL



Carlos Nascimento

O AMOR E A SAUDADE:

ENTRE O REAL E O FICCIONAL NA POESIA DE
EUGÉNIO DE CASTRO E ALMEIDA

Elizaeth Jacira Barbosa

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

O poeta português Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944), ocupa uma das posições de maior destaque na história da literatura lusitana. Suas obras, se dividem em duas grande fases dos movimentos literários, um simbolista e uma posterior, de cunho neoclássico e saudosista, oferecendo assim um campo fértil para as análises das articulações sistemáticas entre o real e o ficcional de suas poesias. Contudo, a poesia escolhida para ser trabalhada neste resumo será "Amor e a Saudade" que faz parte da obra *Salomé* e outros poemas, de 1896, a obra representa a segunda fase da carreira do autor, marcada por seu retorno ao neoclassicismo após a sua fase inicial no movimento simbolista. Esta análise propõe-se a investigar: como essa dicotomia se manifesta na lírica de Eugénio de Castro? Tomando como eixos temáticos centrais do poema: "Amor e a Saudade" (1896), elementos recorrentes e cruciais para a compreensão de sua poética.

A dicotomia relacionada entre real e ficcional, no contexto da literatura, não se estabelece em fronteiras rígidas, mas sim, em uma zona de fluidez onde a experiência do autor e a historicidade dialogam com a invenção da sugestão poética.

No movimento Simbolista, há uma rejeição ao Realismo-Naturalismo do século XIX, o que impõe uma primazia do ficcional, que pode ser entendido como o mundo do ideal, da sugestão e da sinestesia mediante a representação direta da realidade objetiva. Neste sentido, a poesia de Eugénio de Castro será examinada em duas vertentes: a construção do Amor como um ideal estético, que pode ser conduzida como uma ficção lírica em sua fase inicial, e a emergência da Saudade como um sentimento que, embora profundamente enraizado na cultura portuguesa e na experiência biográfica (o real), é transfigurado em ideal perdido. O objetivo desta análise é demonstrar que a poética castriana se constrói mais precisamente nesse limiar, onde o que é sentido (real) é transmutado em símbolo (ficcional), é nesse contexto que o retorno a um passado idealizado (saudade) se torna a matéria-prima de uma nova ficção poética.

O SIMBOLISMO E A CONSTRUÇÃO DO FICCIONAL

A poética de Eugénio de Castro e Almeida, em sua primeira fase, é marcada pela adesão aos preceitos do simbolismo francês, o que implica um afastamento consciente da representação mimética da realidade. O lançamento de *Oaristos* em 1890 é um ato de ruptura com o Realismo e o Naturalismo então vigentes, que buscavam a descrição objetiva do mundo. Na visão de Eugénio de Castro, a primazia do contrário, volta-se para o mundo interior, já o simbolismo é visto como sugestão.

O ficcional, neste contexto, é a própria realidade poética criada pelo Símbolo. O poema não é um espelho do mundo, mas um veículo para o Ideal, o Invisível e o Inconsciente. A linguagem é trabalhada para ser musical e sugestiva, utilizando-se de rimas raras, novas métricas, sinestesias e alterações, como se a palavra devesse evocar, e não nomear. A ficção, portanto, não é apenas vista como invenção de enredos, mas sobre a estetização da experiência. O poeta, como um "esteta", assume uma postura de aristocracia artística, onde a Beleza é o valor supremo. Essa busca pela beleza absoluta, muitas vezes associada ao Decadentismo, é o que confere à sua poesia um caráter de ficção lírica, onde a realidade é filtrada e transfigurada pela lente da arte. A própria obra *Oaristos*, cujo título significa "conversas íntimas", sugere um diálogo privado e idealizado, uma ficção de proximidade e confidênci, em oposição ao discurso público e social do Realismo.

O AMOR E A SAUDADE:

A temática do Amor na poesia simbolista de Eugénio de Castro é um dos principais palcos dessa transfiguração do real em ficcional. Em *Oaristos*, o amor é frequentemente apresentado em cenários imaginários e exóticos, desvinculado da experiência cotidiana e elevado a um ideal estético. O sentimento é descrito através de imagens sensoriais e sinestésicas, onde a emoção se mistura com cores, sons e perfumes, criando uma atmosfera de sonho e evasão.

Em poemas como "Amor Verdadeiro", o sentimento é um paradoxo, um amor que se manifesta na falta de esperança e na dor, o que o afasta da representação romântica ou realista:

"Meu coração no entanto não se cansa:
amam metade os que amam com esperança,
amar sem esperança é o verdadeiro amor."(Castro, 1985, p. 34).

Essa concepção do amor como desejo intenso e perturbador, que se afasta do idealismo romântico para se aproximar de uma musa decadentista, é a forma como o poeta constrói o ficcional amoroso. É um amor que não se realiza no plano do real (biográfico ou social), mas que se torna a matéria-prima para a tragédia interior e a ficção dramática. Em suas peças poéticas, como Belkiss (1894), o desejo intenso das protagonistas, movido por um amor fatal, conduz inevitavelmente à tragédia, refletindo uma dialética entre a busca do ideal e a impossibilidade de sua realização no plano terreno.

O amor, portanto, é menos uma experiência vivida (real) e mais uma ficção de intensidade, um pretexto para a exploração da subjetividade e da forma poética e a Saudade é um sentimento profundamente enraizado na cultura portuguesa, para Eugénio de Castro, essa manifestação é subjetivamente entendida de duas formas: Saudade do Ideal Simbolista: Onde o poeta, ao se afastar do Simbolismo e adotar uma postura neoclássica, demonstra uma saudade daquele período de inovação e de busca pela beleza absoluta, uma nostalgia do "novismo" que ele próprio introduziu. Já a Saudade do Passado Histórico e Pessoal: são retratadas em obras como Saudades do Céu (1899), nesse sentido, a saudade adquire um tom de saudosismo, um anseio pela Antiguidade Clássica e pelo passado português. O título da obra, Saudades do Céu, remete a uma busca pela transcendência e por um paraíso perdido, onde a saudade é o traço de união entre o mundo terreno e o ideal.

DA ESTETIZAÇÃO SIMBOLISTA À TRAGÉDIA INTERIOR; O REAL BIOGRÁFICO E O IDEAL PERDIDO

Se o amor na fase simbolista se constrói predominantemente no campo do ficcional, a saudade por sua vez emerge, especialmente na segunda fase nas obras de Castro sendo elas à neoclássica e a saudosista, como um sentimento que dialoga mais diretamente com o real, mas que é imediatamente transfigurado para a ideia do ideal perdido. Neste ponto, o real, ou seja, a passagem do tempo, o envelhecimento, a crise de valores do fim do século, impõe-se, e o poeta reage criando uma nova ficção poética baseada no saudosismo. A saudade, embora originada em um sentimento real de perda ou distância, nessa constatação ela é poeticamente elaborada como a ficção de um retorno a um tempo ou lugar idealizado. É o realismo que provoca a ficção do passado, e a saudade é o motor dessa transmutação. A Saudade, assim, funciona como a ponte entre o real e o ficcional na poética de Eugénio de Castro. Ela é o sentimento realista que impulsiona a criação de um universo ficcional de nostalgia e idealização, seja do passado estético do Simbolismo, seja do passado histórico e mítico de Portugal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia de Eugénio de Castro, em seu percurso do Simbolismo ao Neoclassicismo, é um notável exemplo de como a fronteira entre o real e o ficcional é fluida e produtiva. O poeta, ao introduzir o Simbolismo em Portugal, rejeita o realismo mimético em favor de uma ficção lírica baseada na sugestão, na sinestesia e na busca pela beleza absoluta. Os temas do Amor e da Saudade são centrais nessa dinâmica. O Amor é inicialmente uma ficção estética, um pretexto para a exploração formal e para a tragédia interior, desvinculado do realismo sentimental. A Saudade, por sua vez, emerge como um sentimento real de perda e nostalgia que, na segunda fase, é transformado em ficção saudosista, idealizando um passado histórico ou estético.

Na análise, da poética de Eugénio de Castro constata-se a sua resiliência na capacidade de transfigurar o real em símbolo e o sentimento em ficção. O amor e a saudade, em sua obra, não são meras representações, mas sim construções poéticas que utilizam o Simbolismo e o Neoclassicismo como ferramentas para criar uma realidade que é, em essência, ficcional, mas que se nutre da experiência profunda e do anseio pelo Ideal.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Eugénio de. Oaristos. Coimbra: F. França Amado, 1890. (Citado do poema "Amor Verdadeiro").
- CASTRO, Eugénio de. Oaristos. Coimbra: F. França Amado, 1890.
- ALVES, Ivanete da Silva. Os arranjos do real e do ficcional em literatura e história. Revista Entre Parênteses, Alfenas, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entreparenteses/article/download/1080/pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.
- PEREIRA, José Carlos Seabra; CABRAL, Maria de Jesus. Capre, Non Capi: Eugénio de Castro no contexto da "Internacional Simbolista". Carnets, [S.I.], n. 4, p. 263-273, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/7816>. Acesso em: 24 out. 2025.
- CABRAL, Maria de Jesus. A Maneira Trágica de Eugénio de Castro: A personagem feminina entre Belkiss e Oaristos. RiCOGNIZIONI. Rivista di Lingue e Letterature Straniere, Torino, v. 8, n. 1, p. 13-26, 2021. Disponível em: <https://ojs.unito.it/index.php/ricognizioni/article/view/5815>. Acesso em: 24 out. 2025.
- CASTRO, Eugénio de. Saudades do Céu. Porto: Livraria Chardron, 1899

Elizaeth Jacira Barbosa é Pesquisadora de Literatura Brasileira contemporânea, licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Campus Avançado de Assu), título defendido pelo TCC sobre a obra Tarto arado, de Itamar Vieira Junior, trabalho orientado pelo Professor Doutor Gustavo Tanus.

FORTALEZA

300 ANOS

CATEDRAL DE FORTALEZA

Maria José Monte Holanda

Muitos de nós dos anos “enta” ouvimos ou pronunciamos a frase “está igual a sé”, nos referindo a algo inacabado. Hoje Ela está ali no centro histórico onde surgiu o Forte Schoonenborch e teve início a cidade. Localizada na Praça Pedro II também conhecida por Praça da Sé, de 1938 a 1978 realizou-se sua construção. Comparada as antigas construções monumentais europeias onde algumas passavam de um século a outro para serem finalizadas, o nosso tempo não foi tanto. Mas as diferenças são visíveis entre aquelas e a nossa. Em estilo neogótico, a catedral de Fortaleza imponente e bonita condiz com a tradição de grandiosos templos cristãos, o que se mantém ao longo dos tempos. O interior amplo em cores claras, arcos ogivais, belos vitrais refletindo a luz que vem de fora, paredes que nos dão a impressão de mais leveza, não divide nossa atenção com o ouro e o fausto. Não tem a opulência e esplendor das europeias, mas condiz com o verdadeiro objetivo do local: orar, meditar e participar de consagrações. Conhecendo as magníficas catedrais da Europa, como cristã me questionei o porquê de tanta suntuosidade, se Cristo orava e pregava em ambientes externos, ao ar livre e diante da natureza. Mas os tempos eram outros e encontrei justificativas. Nas catedrais medievais da Europa, o luxo e a ostentação eram justificados pela missão e o poder que a Igreja tinha em ungir os reis da França; as demais por todo o continente eram vistas como um símbolo de fé, de amor, onde o Espírito de Deus pairava ao mesmo tempo sobre o homem e a criação. Todos os fiéis contribuíam na construção: o povo oferecia seus braços, o burguês seu dinheiro, o barão sua terra, o artista seu gênio. A Catedral foi construída sobre a demolição de uma antiga igreja que apresentava rachaduras nas bases, em 1938. Teve como modelo a Catedral de Notre-Dame, Paris, e projetada pelo engenheiro francês George Mounier. É a terceira maior do país e acolhe cerca de cinco mil pessoas. As torres da nova Sé medem cerca de 75 metros de altura. Quando entramos, a esquerda está a capela de São José, a direita a de Nossa Senhora da Assunção, padroeira da cidade; no centro o Altar-Mor trazido de Verona-Itália, presente de um amigo de Dom Delgado, ex Arcebispo de Fortaleza. A Cripta usada para celebrações de casamentos, batizados, missas de sétimo dia, é consagrada aos adolescentes e homenageia os santos mortos ainda jovens: Tarcísio, Domingos Sávio, Pancrácio, Luzia, Inês e Gorete. No altar central da Cripta se encontra a imagem de Jesus adolescente de braços abertos. Na Capela do Cristo Ressuscitado estão sepultados bispos e padres.



Alguns dias atrás me veio o questionamento: visitamos igrejas e catedrais em outros lugares, e a da nossa cidade fomos rápidos e dispersos em raras ocasiões festivas que se apresentaram, sem tempo de apreciá-la e nos aprofundarmos mais sobre sua história. Num domingo à tarde tive o ímpeto de ir ao seu encontro: antes da missa, lá dentro fiquei admirando cada parte e senti a imponência leve desse templo, o efeito da luz exterior sobre os vitrais e tudo o mais que a compõe. Teve início a celebração, um momento santo e de concentração, pois tudo que ali estava nos levava à oração.



MARIA JOSÉ MONTE HOLANDA – cearense (Acarape). Graduada em Biblioteconomia, Especialização em História: Questões Históricas e Metodológicas. Escreve crônicas, textos de opinião e descrições ligadas à realidade, participando de Antologias. Publicou os livros: Algo do passado: um compartilhar despretensioso; Descobrindo outros mundos: aqui pertinho; Janela do cotidiano e Janela do viajante.

HALLOWEEN

Luciana do Rocio Mallon

Desde a Idade da Pedra a morte e o sobrenatural mexem com a imaginação do ser humano. Já foi provado através de pesquisas arqueológicas que desde esta época o ser humano cultuava deuses e possuía períodos, com rituais, para homenagear os falecidos.

No Antigo Egito, já havia um tipo de Halloween, comemorado dois dias antes da data de homenagem aos mortos. Nesta comemoração existiam rituais específicos, onde eles acreditavam que os espíritos dos mortos poderiam entrar em contato com quem ficou na Terra.

Os antigos celtas também executavam um ritual de Halloween semelhante ao dos egípcios. Para eles, a noite de 31 de outubro, indicava o início do Samhain, uma importante celebração que marcava três fatos: o fim da colheita, o Ano-Novo celta e o início do outono, que era a preparação do inverno, considerada a estação da escuridão e do frio, que era um período associado aos mortos. Deste jeito, como os egípcios, neste dia, os celtas também acreditavam que era possível manter contato, com os mortos porque um portal era aberto para outra dimensão. Para se protegerem das almas. Os celtas vestiam fantasias de animais em rituais e deixavam doces nas portas de suas casas, para acalmar os espíritos. Por isto é que no século vinte virou costume dar doces para as crianças que batem na porta. No século IX, este ritual antigo foi influenciado pela expansão do cristianismo na Grã-Bretanha. Na tentativa de acabar com os festejos pagãos, o papa Gregório III consagrou o dia 1º de novembro para a celebração de Todos os Santos. Surgiu daí a própria palavra Halloween, originada de all hallows eve, que em português quer dizer "véspera do dia de Todos os Santos".

Nesta época para substituir os doces, que eram colocados nas portas para espantar os espíritos, a Igreja Católica criou o bolo das almas para esta data. O tradicional bolo das almas era feito com frutas secas e usado num ritual que era o seguinte: crianças passavam, de casa em casa, com o objetivo de rezar pelas almas dos parentes mortos do dono da residência. Após as orações os menores tinham direito a receber este bolo. No começo eles perguntavam:



- Bolo das almas, ou, parentes sofrendo no purgatório?
- Somente séculos depois é que esta frase foi substituída por:
- Doces, ou, travessuras?

Conforme o professor Antônio Sandman, do Curso de Letras da UFPR, a palavra Halloween é uma gíria formada de suas outras palavras: Halloweed, que significava todos os santos no Inglês da Irlanda Medieval com a junção da palavra "een" que era a gíria de noite, também, no Inglês da Irlanda Medieval.



“Ele sempre busca vadiar assim
Sempre alegre inteligente
Ele é bicho Gente, ele é o Saci”
Carlinhos Brown

Foto: Divulgação

O DIA DO SACI NO BRASIL

O Saci-Pererê é uma lenda brasileira que existe desde a época do Brasil-Colônia. O saci é um menino afrodescendente, que usa toca vermelha, pula de um pé só e faz muitas travessuras.

O Dia do Saci existe no Projeto de Lei Federal nº 2.762, de 2003 (anexado ao Projeto de Lei Federal nº 2.479, de 2003), elaborado pelo deputado federal Chico Alencar (PSOL -RJ) e pela vereadora de São José dos Campos Ângela Guadagnin (PT - SP), com o objetivo de resgatar figuras do folclore brasileiro, em contraposição ao "Dia das Bruxas", ou, Halloween, de tradição cultural celta. Propõe-se seja celebrado em 31 de outubro.

O Saci-Pererê é uma figura mitológica do folclore brasileiro. Porém, não se sabe, exatamente, como surgiu a figura dele. Pois, em diversos relatos, há vestígios das seguintes culturas: africana, europeia e indígena.

Deixo abaixo a versão da origem do Saci, que escutei quando visitei a cidade de Fazenda Rio Grande, no Paraná:

No século dezenove, no período da escravidão, havia um menino negro muito sapeca chamado Toinho, que fazia travessuras como: trançar as crinas dos cavalos nas noites escuras, roubar doces da cozinha na casa grande, afanar fumo para seu cachimbo, etc.

Um dia, Toinho resolveu afanar um doce da copa, na casa grande. Quando, de repente, o capataz flagrou o pobre, que saiu correndo. Mas, o homem correu atrás do garoto, alcançou o desgraçado, quedeu uma resposta debochada:

"- Capataz fraco, branquelo e magrelo
De ficar no tronco, não me pélo!" Assim, o capataz, tomado pelo ódio, levou o garoto para o mato e cortou uma de suas pernas. O menino morreu e foi para o céu. Mas, São Pedro disse-lhe:

- Poxa, eu até poderia deixá-lo entrar no Paraíso. Porém, o problema é que você não foi batizado e, aqui, pagão não entra.

Desta maneira, Toinho foi para o Inferno e o diabo explicou-lhe:

- Não posso aceitar você aqui porque seus pecados foram somente as travessuras infantis. Acho que você deve voltar para o seu corpo, ou tentar uma vaga no purgatório. O problema é que eles estão em reforma lá.

Enquanto o garoto conversava com Satanás, um pajé que estava caminhando pela floresta viu seu corpo estendido pelo mato. Então, com a magia dos xamãs, o feiticeiro realizou um ritual para trazer o menino de volta à vida.

De repente, o índio notou que o garoto tossiu e, de repente, ele abriu os olhos, levantou-se com uma perna só e começou a pular rapidamente. Como um raio, o menino disse:

- Poxa, não estou no purgatório. Pois, esta é a mesma floresta, onde o capataz arrancou a minha perna.

- Sinto que por causa da minha visita ao inferno, entrou muita poeira das fogueiras nos meus olhos e eles não param mais de mexer.

- Além disto, há algo estranho:

- Estou me sentindo ágil e saltitante mesmo com apenas uma perna. Desta maneira, o pajé resolveu levar Toinho para a tribo. Assim, todos os índios ficaram assustados com a habilidade que o menino tinha de pular com uma perna só.

De repente, os nativos começaram a exclamar a palavra:

- Saci-Pererê!

Deste jeito Toinho recebeu este apelido pelos indígenas. Pois, Saci significa olho doente que se mexe sem parar e Pererê quer dizer saltitante, tudo isto, em tupi-guarani.

Luciana do Rocio Mallon é formada em Letras, Português Com Espanhol, pela UFPR e Magistério pelo Colégio São José. Tem mais de 10 anos de experiência como vendedora interna no comércio de Curitiba. Atualmente trabalha como: assessora de imprensa, redatora, influenciadora digital, vendedora, professora de Dança, Redação e Vesteterapia, estudo da personalidade através das roupas. Em 2009 fez parte do Conselho de Leitores da Gazeta do Povo. Durante um ano foi voluntária no programa de lives virtuais, Cultura Com Luciana do Rocio, na programação da rádio web TV Amor e Vida. Desde 2022 é voluntária das lives culturais da Revista Sarau das Artes. Desde 2016 é voluntária da revista A Empreendedora. Também é rapper de batalha de rimas e faz poemas de improviso estilo repentista.

CHAMADA DA ANTOLOGIA CARTAS PARA BELCHIOR - VOLUME 3 EXPERIÊNCIA COM COISAS REAIS

A Antologia Cartas para Belchior Volume 3 tem o objetivo principal de homenagear, divulgar a e reconhecer o talento do cantor e compositor cearense Antônio Carlos Belchior, na categoria carta.

Para efetivar esse projeto recebemos até **20 de janeiro de 2026** uma CARTA escrita pelo fã de Belchior. Nela o autor pode conversar com o músico cearense sobre seus discos, seus grandes sucessos, shows e parabenizar pelos 80 anos de imortalidade na MPB e pelos 50 anos de sua obra-prima, o disco Alucinação etc.

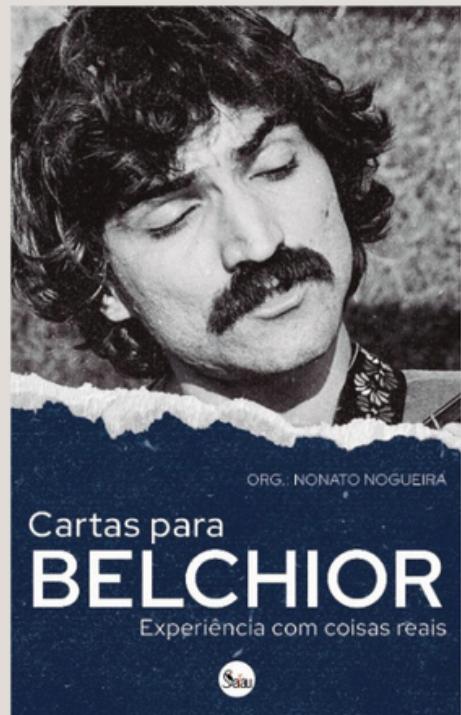
OPÇÕES:

1) Carta escrita em uma (1) páginas no formato A4 (21x29,7), margens 2 cm, fonte ARIAL, espaço 12, entre linhas 1,15.

O valor da contribuição é de 100,00 para as despesas de revisão, diagramação, capa etc. O autor da carta terá direito a 4 exemplares da obra.

2) Carta escrita em até duas (2) páginas no formato A4 (21x29,7), margens 2 cm, fonte ARIAL, espaço 12, entre linhas 1,15.

O valor da contribuição é de 200,00 para as despesas de revisão, diagramação, capa etc. O autor da carta terá direito a 10 exemplares da obra.



A carta, seguida da minibiografia do autor e foto para o card de divulgação para o e-mail: nonatonogueira45@gmail.com

Pix para pagamento: 85988794891

Maiores informações: (85)9 88794891 – Nonato Nogueira

